

Preparar-se para os votos

um compromisso...

uma exigência...

um caminho a seguir!



Guia

Paris, 15 de agosto de 2021

Minhas queridas Irmãs,

Nesta festa da Assunção, tenho a alegria de apresentar-lhes este guia **“Preparar-se para os votos”**, aprovado pelo Conselho geral durante a sessão de 28 de abril de 2021, fruto de um longo trabalho de várias equipes sucessivas, as quais agradeço sinceramente.

De fato, durante as Assembleias e os diferentes encontros de Visitadoras, formadoras ou outros, foi expresso o desejo de que a Instrução sobre os votos, publicada em 1989, fosse atualizada no seu conteúdo e simplificada na sua forma. Este sólido documento permitiu que várias gerações de Filhas da Caridade aprofundassem a sua reflexão sobre os votos e, ele continua a ser um documento de referência.

Atualizar o texto foi necessário porque, por um lado, as Constituições modificadas foram promulgadas em 2004 e, por outro, o contexto, a situação das jovens que entram na Companhia, as necessidades de formação, a forma de abordar este ou aquele aspecto... mudaram consideravelmente.

Este Guia é destinado a todas as Filhas da Caridade, mas, prioritariamente, às Irmãs que se preparam para a emissão dos votos pela primeira vez e até 10 anos de vocação. Ele está à disposição das formadoras e das Comunidades que acompanham as Irmãs nesta faixa etária de vocação.

Durante o tempo de formação inicial são adquiridas as bases que permitirão à Filha da Caridade doar-se inteiramente a Deus pelo voto de serviço dos pobres, castidade, pobreza e obediência, assim como nos transmitiram São Vicente e Santa Luísa. Este Guia é um instrumento ao serviço deste crescimento humano, cristão e vocacional. Preparar-se para os votos é realmente um **compromisso... uma exigência... um caminho a seguir!**

Um compromisso: *“A Escritura nos diz que, quando Deus escolhe alguém para uma vocação particular, Ele se compromete a mostrar-lhe o caminho. Pouco a pouco, à luz do Espírito, o caminho se faz”* (C. 49). O Senhor tem a iniciativa e concede a sua graça. Na fé, cada Filha da Caridade reconhece que Deus estará presente ao longo de todo o percurso, como Ele mesmo prometeu.

A Companhia está também empenhada em oferecer uma formação específica nas diferentes etapas, para que cada Filha da Caridade possa desenvolver em si mesma os dons que o Senhor lhe concedeu, a fim de tornar-se cada vez mais discípula de Cristo. *“A Companhia dá grande importância à formação inicial assim como à formação contínua”* (C. 49).

Enfim, é um compromisso que cada Filha da Caridade assume pessoalmente, colaborando de forma ativa na própria formação, acolhendo com fé e confiança o que lhe é transmitido. *“A formação é antes de tudo a ação de Deus presente no coração da pessoa que Ele chama. Em seguida, é obra da própria Irmã, no seu desejo de fidelidade crescente à vocação”* (C. 51).

Uma exigência: A preparação para os votos, o aprofundamento do Evangelho e do carisma exigem, evidentemente, esforço, perseverança, transição, mas sobretudo uma atitude de escuta ao Espírito Santo através da Palavra de Deus, dos acontecimentos, das pessoas que encontramos e dos intercâmbios comunitários.

Esta abertura de coração é dada a todas que a pedem a Deus e acolhem a perspectiva do dom de si mesma, de acordo com o Evangelho, as Constituições e os Estatutos.

A exigência compreende também o desejo de entrar, etapa por etapa na Companhia, e nela integrar-se plenamente: *“A formação permite viver a vocação como uma configuração progressiva a Cristo, numa fidelidade renovada ao Espírito e ao fim da Companhia”* (C. 49).

Um caminho a seguir: A preparação para a emissão dos votos pela primeira vez é o início de um caminho para toda a vida. O dom de si mesma através dos votos não é adquirido uma vez por todas. Pelo contrário, é um movimento contínuo de descobertas, conversões, sucessos e fracassos, alegrias e tristezas.

Compromisso... exigência... caminho a seguir...: esta dinâmica de vida assume uma intensidade particular nos primeiros anos de vocação. Desta maneira a Companhia dá uma especial atenção a formação inicial e ao acompanhamento daquelas que estão prontas a seguir este caminho, oferecendo-lhes os instrumentos necessários, incluindo este novo documento.

Os seis primeiros capítulos contemplam diretamente os votos. Cada um deles deve ser lido, estudado, meditado, partilhado... As perguntas e referências indicadas no fim do capítulo ajudam a aprofundar a reflexão. Estas são apenas sugestões que têm por finalidade estimular o desejo de progredir pessoalmente e com outros. As formadoras e as próprias Irmãs encontrarão a maneira e a ordem de como utilizar este Guia para seguir com fé e com alegria.

Maria nos acompanha. O último capítulo é todo consagrado a ela, porque é a *“mestra de vida espiritual”* e está presente em todas aquelas que a invocam. Depositemos em Maria a nossa confiança e sigamos os seus passos, que nos conduzem ao seu Filho, a quem queremos seguir.

Pois, de fato, toda a nossa existência está orientada por e para Cristo, através dos quatro votos, de serviço dos pobres, castidade, pobreza e obediência: *“a Regra das Filhas da Caridade é Cristo”*.

Boa caminhada!

Irmã Françoise Petit
Filha da Caridade

SUMÁRIO

	Páginas
Apresentação	3
Capítulo 1 - A Regra das Filhas da Caridade é Cristo	13
A. Identidade espiritual das Filhas da Caridade	14
1. Em fidelidade ao batismo	15
2. As Filhas da Caridade doam-se inteiramente	16
3. Em comunidade	16
4. Ao serviço de Cristo nos pobres	17
5. Com espírito evangélico	18
B. Identidade da Companhia das Filhas da Caridade na Igreja	19
1. A Companhia reconhecida pela Igreja	19
2. A Companhia é de direito pontifício e isenta	20
3. A Companhia, reconhecida como uma Sociedade de Vida Apostólica	20
4. A Internacionalidade da Companhia e a universalidade do carisma	23
C. Por uma fidelidade sempre renovada	24
1. Enraizar-se mais profundamente em Jesus Cristo	24
2. Discernir em comunidade o apelo dos pobres	24
3. Manter com convicção o carisma vivo	25
4. Ser fiel às Constituições	25
5. Viver a pertença à Companhia	25
6. Servir com outros	26
Para ir mais longe	28
Para aprofundar	29

Capítulo 2 - Os votos das Filhas da Caridade	31
A. Os votos na vida cristã	31
B. Os conselhos evangélicos	31
C. Os votos das Filhas da Caridade	32
1. Votos “não religiosos”	32
2. Anuais e sempre renováveis	33
3. Um voto específico	34
4. Segundo as Constituições e Estatutos	34
5. Enraizadas no mistério da Igreja	35
D. Emissão dos votos pela primeira vez	35
1. Aos quatro anos de vocação	36
2. Três meses antes da data prevista	36
3. A celebração dos votos	36
E. Renovação dos votos	36
1. Os votos: um aprofundamento da vocação	37
2. O pedido de Renovação anual dos votos	37
3. Situações excepcionais	38
F. Os votos: deveres e direitos	39
Para ir mais longe	40
Para aprofundar	41
Capítulo 3 - Serviço de Cristo nos pobres	43
A. No seguimento de Cristo	43
1. Cristo, fonte e modelo de toda caridade	43
2. Viver em estado de caridade	45

B. O voto do serviço dos pobres	48
1. Servir todos os pobres	49
2. Servir em qualquer parte	51
C. Por uma fidelidade sempre renovada	53
1. Escuta	53
2. Discernimento	54
3. Formação	55
4. Apelo à conversão ecológica	56
Para ir mais longe	58
Para aprofundar	59
Capítulo 4 - Castidade	61
A. No seguimento de Cristo	62
1. Cristo, modelo de castidade	62
2. A castidade, resposta a um dom de Deus	63
B. O voto de castidade	65
1. A virtude da castidade	65
2. O voto de castidade no celibato	66
3. A castidade ao serviço da caridade	67
C. Por uma fidelidade sempre renovada	67
1. Uma interioridade a cultivar	68
2. Um equilíbrio afetivo, um equilíbrio de vida	68
3. Abertura ao acompanhamento e ao discernimento	71
Para ir mais longe	73
Para aprofundar	74

Capítulo 5 - Pobreza	77
A. No seguimento de Cristo	77
1. A pobreza a exemplo do Filho de Deus	77
2. A pobreza evangélica	78
B. O voto de pobreza	79
1. O voto	79
2. Escolher a pobreza para melhor partilhar	81
C. Por uma fidelidade sempre renovada	84
1. O desejo de viver a pobreza evangélica	85
2. Uma vida simplificada pelo Evangelho	85
3. As revisões pessoais e comunitárias	86
Para ir mais longe	87
Para aprofundar	88
Capítulo 6 - Obediência	91
A. No seguimento de Cristo	92
1. A obediência de Jesus	92
2. Entrar na obediência de Cristo	93
B. O voto de obediência	94
1. O voto	94
2. Uma vida de obediência para juntas servir	95
C. Por uma fidelidade sempre renovada	98
1. Formar-se continuamente	99
2. Nutrir a interioridade	99
3. Viver o Mistério Pascal	100
4. Doar-se sempre com muita alegria	100

Para ir mais longe	102
Para aprofundar	103
Capítulo 7 - Sob a proteção de Maria	105
A. Maria, mestra de vida espiritual	106
1. Maria, aberta ao Espírito	107
2. Maria, totalmente doada	107
3. Maria, modelo de amor maternal	108
B. Maria, Serva	109
1. Maria, disponível aos desígnios de Deus	109
2. Maria, modelo dos corações pobres	110
3. Maria, Mãe de misericórdia	110
C. Maria, modelo de fidelidade	111
Oração Mariana	113

Capítulo 1 - A Regra das Filhas da Caridade é Cristo

Todo cristão é chamado a seguir o Cristo e a dizer com São Paulo: *“Para mim o viver é Cristo”* (Fl 1, 21). Trata-se de um compromisso, de uma exigência e de um caminho a seguir.

A pessoa do Cristo é a referência comum para todos os Fundadores na Igreja. Ele é a rocha sobre a qual se constrói a vocação. Cada um descobriu algumas características do Cristo do Evangelho que escolheu mais particularmente para viver. Estes traços específicos darão sentido a toda a sua vida e toda a sua obra.

A Igreja denomina a isto, desde o Concílio Vaticano II, o carisma dos Fundadores.

São Vicente e Santa Luísa reconheceram o Cristo na pessoa dos pobres (cf. Mt 25, 35-40). Depois, comprometeram-se a segui-Lo, contemplando-O e servindo-O nos mais sofredores da humanidade, a fim de continuar a missão do Cristo Servo (cf. Jo 13, 1-11).

As Filhas da Caridade seguem o Cristo à maneira de São Vicente e Santa Luísa. As Constituições expressam assim:

“A Regra das Filhas da Caridade é Cristo. Propõem-se a segui-lo como a Escritura o revela e o descobrem os Fundadores: Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres” (C. 8a).

- *O Cristo, Adorador do Pai*: esta maneira de ver o Cristo leva as Filhas da Caridade a considerar Deus como único absoluto de suas vidas. A virtude da simplicidade é a consequência desta convicção de fé. *“Deus é simplíssimo, ou antes, é a própria simplicidade”* (Obras completas, SV XI, 51).
- *O Cristo, Servo do desígnio de Amor do Pai*: porque o Cristo foi servo, as Filhas da Caridade são chamadas a ser e a servir como

servas. Esta imagem está associada a virtude da humildade. *“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas”* (Mt 11, 29).

- *O Cristo Evangelizador dos pobres*: a Boa Nova é dirigida especialmente aos pequenos e aos pobres. São Vicente e Santa Luísa compreenderam bem isto e, as Filhas da Caridade continuam a missão de Cristo, que evangelizou todos os pobres. Esta dimensão de evangelização dos pobres é inseparável da virtude da caridade. *“Vinde, benditos do meu pai”* (Mt 25, 34).

Aqui está o carisma dos Fundadores: é a forma como se sentiram chamados por Jesus Cristo a participar da sua vida e da sua missão.

A. Identidade espiritual das Filhas da Caridade

“As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao apelo de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade” (C. 7a).

Este artigo das Constituições define a identidade espiritual das Filhas da Caridade.

São Vicente e Santa Luísa viveram acontecimentos que eles releeram à luz do Evangelho. Estas experiências espirituais levaram-nos gradualmente a definir a identidade das Filhas da Caridade. Isto está claramente explícito nas três conferências de fevereiro de 1653, quando São Vicente fala sobre o espírito particular da Companhia.

“Quando Deus fez a Companhia das Filhas da Caridade, deu-lhe o seu espírito particular. O espírito é que anima o corpo. Importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste este espírito” (SV, conf. de 2 de fevereiro de 1653, p. 382).

1. Em fidelidade ao batismo

“Filhas de Deus pelo batismo, membros vivos do Corpo de Cristo, as Filhas da Caridade vão ao Pai pelo Filho, no Espírito” (C. 17a).

Esta frase das Constituições ressoa a afirmação de São Paulo: *“fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo”* (1Cor 12, 13).

Os textos do Concílio Vaticano II nos lembram: existe uma só consagração que é a do batismo. Por este sacramento *“somos assimilados a Cristo”* (Lumen gentium, nº 7).

Portanto, como todo batizado, as Filhas da Caridade visam *“a plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade”* (Lumen gentium, nº 40). Trata-se de colocar Cristo no centro da vida e de viver a vocação de filhos de Deus.

Por isso, as Filhas da Caridade são convidadas a se deixar conduzir pelo Espírito Santo, a ser *“boas cristãs”*, segundo a expressão de São Vicente (SV, conf. de 18 de outubro de 1655, p. 544) a ser servas dos pobres à maneira de Jesus Servo.

O seguimento de Cristo sob a ação do Espírito é o elemento fundamental da espiritualidade das Filhas da Caridade.

“Nós fomos batizados em Jesus Cristo... fomos batizados em sua morte. Sendo o batismo um nascimento espiritual, deduz-se que, aquele no qual fomos batizados, é nosso Pai e, como bons filhos, devemos parecer-nos com Ele” (SL, E. 23, p. 900).

2. As Filhas da Caridade doam-se inteiramente

“Para segui-lo e continuar sua missão, as Filhas da Caridade escolhem viver total e radicalmente os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que as tornam disponíveis à finalidade da Companhia: o serviço de Cristo nos pobres” (C. 8b).

O dom de si mesma a Deus, total e radical, é um elemento fundamental da identidade das Filhas da Caridade.

Segundo o espírito dos Fundadores, as Filhas da Caridade são todas doadas a Deus para, no e através do serviço dos pobres.

- para o serviço dos pobres: é a finalidade que orienta e unifica toda a sua existência,
- no serviço dos pobres: é o lugar onde juntas tendem a perfeição da caridade no seguimento de Cristo,
- através do serviço dos pobres: é a escola onde se forma o ser de serva porque os pobres são os seus “*senhores e mestres*”, que lhes ensinam e enviam-nas constantemente para Jesus Cristo.

3. Em comunidade

“Os Fundadores viram na vida fraterna um dos sustentáculos essenciais da vocação das Filhas da Caridade... Na alegria, dão testemunho de Jesus Cristo e se reabastecem continuamente em vista da missão” (C. 9).

Historicamente, a missão antecedeu a comunidade, mas, logo em 1633, os Fundadores viram na vida comunitária um sustentáculo para a missão e para a vocação.

A vida fraterna em comum e a missão tornaram-se duas dimensões inseparáveis. A missão molda e dinamiza a vida da comunidade. A comunidade é ainda mais formadora para a missão quando cada uma se sente responsável em participar da sua construção.

“Que maravilha! Deus escolhe e reúne jovens de várias partes para as unir e ligar com o mesmo laço de sua caridade, manifestando assim aos homens, o amor e o cuidado que a sua Providência tem para os socorrer nas suas necessidades” (SV, conf. de setembro de 1659, p. 880 - 881).

O fundamento desta vida comum é teológico e espiritual. Para Santa Luísa o “viver juntas” deve refletir a relação trinitária. *“Devemos, a fim de assemelhar-nos à Santíssima Trindade, não ser mais que um coração e agir somente com um mesmo espírito, tal como as três Divinas pessoas” (SL, E. 55, p. 882).*

O Cristo que reúne os membros da comunidade lhes confere a sua razão de ser, que é servir juntos e segui-lo permanentemente. É uma fraternidade evangélica.

“Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 35).

A comunidade é uma realidade de fé que permite testemunhar o Evangelho. Neste sentido, pode-se dizer que a comunidade é em si mesma missão.

4. Ao serviço de Cristo nos pobres

“Por um olhar de fé veem Cristo nos pobres e os pobres em Cristo. Elas o servem em seus membros sofredores ‘com compaixão, doçura, cordialidade, respeito e devoção’” (C. 10b).

O serviço de Cristo nos pobres é a expressão concreta do dom total a Deus e estrutura toda a vida das Filhas da Caridade.

“Servindo, aos pobres, serve-se a Jesus Cristo... Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres. E isto é tão verdade como estamos aqui” (SV, conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 170).

Em espírito de disponibilidade e generosidade, as Filhas da Caridade estão prontas para ir sempre ao encontro dos mais pobres e assim passar do amor afetivo ao amor efetivo.

“É preciso passar do amor afetivo ao amor efetivo, que é o exercício das obras da Caridade, o serviço dos pobres, empreendido com alegria, coragem, constância e amor” (SV, conf. de 09 de fevereiro de 1653, p. 389).

5. Com um espírito evangélico

“As virtudes evangélicas de humildade, simplicidade e caridade são o caminho pelo qual as Filhas da Caridade se deixam conduzir pelo Espírito Santo” (C. 13).

Os Fundadores descobriram, através da contemplação de Cristo, as três virtudes de humildade, simplicidade e caridade. Essas virtudes são as características de uma serva que segue o Cristo Servo.

Elas são as três disposições que melhor traduzem o espírito da Companhia. Este espírito concede a Companhia um dinamismo original, um espírito comum, um espírito de família.

“Se a humildade, a simplicidade e a caridade que geram a tolerância, estão bem enraizadas em cada uma, sua pequena Companhia (Comunidade) estará composta de tantas outras santas, quantas pessoas a constituem” (SL, C. 561, p. 604).

No entanto, o contexto geral não favorece a prática destas virtudes. Por vezes, vão até mesmo contra o pensamento atual que coloca uma ênfase exagerada, na aparência, no desenvolvimento pessoal, na busca do sucesso...

Contudo, as virtudes são o terreno favorável para aproximarmos-nos dos mais pobres, para viver relações verdadeiras em comunidade e para crescer na relação pessoal com o Senhor.

Somente o enraizamento progressivo em Cristo, a escuta do Espírito Santo, a leitura regular da Palavra de Deus, a descoberta e a prática destas virtudes levarão a Filha da Caridade a desejar amá-las e vivê-las mais profundamente.

B. Identidade da Companhia das Filhas da Caridade na Igreja

O capítulo das Constituições “*A Companhia na Igreja*” especifica a identidade jurídica da Companhia.

1. A Companhia reconhecida pela Igreja

“As Filhas da Caridade formam uma Companhia reconhecida pela Igreja sob o nome de Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, Servas dos pobres. A Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac” (C. 1a).

“Foi Deus quem deu o nome à Companhia” (SV, conf. de 4 de março de 1658, p. 762).

São Vicente exortava as Irmãs para viver em coerência com o seu nome: **Filhas da Caridade, Servas dos pobres** (cf. C. 1a). Este nome indica tanto a missão como o estilo de vida que as Filhas da Caridade são convidadas a assumir.

“Estimai este santo nome, minhas Irmãs, e procedei de maneira a mostrar-vos sempre dignas de o trazer” (SV, conf. de 6 de janeiro de 1642, p. 34).

Através da aprovação da Companhia, a Igreja reconhece que ela é um dom de Deus para o mundo, um instrumento que participa da sua missão universal de salvação, de acordo com o carisma dos Fundadores.

2. A Companhia é de direito pontifício e isenta

“A 18 de janeiro de 1655, a Companhia foi aprovada pelo Cardeal de Retz, arcebispo de Paris, e a 18 de junho de 1668, recebeu a aprovação pontifícia do Papa Clemente IX” (Constituições, p. 19).

A Companhia é de direito pontifício, porque foi aprovada pela santa Sé.

A Companhia se beneficia de uma isenção que lhe dá uma grande autonomia no seu funcionamento interno e no seu governo. Esta isenção permite uma maior flexibilidade e disponibilidade para responder de acordo com o carisma aos apelos da Igreja e dos pobres.

Esta autonomia deve ser vivida em obediência ao Ordinário local em todos os assuntos de culto e atividade apostólica, respeitando ao mesmo tempo a identidade espiritual e jurídica da Companhia.

“Por todos devem ser fielmente conservados a intenção e os propósitos dos fundadores sobre a natureza, fim, espírito e índole do instituto sancionados pela autoridade eclesiástica competente, e bem assim as suas sãs tradições; todas estas coisas constituem o patrimônio do mesmo instituto” (CDC, cân. 578).

3. A Companhia, reconhecida como uma Sociedade de Vida Apostólica

“Desde as origens São Vicente e Santa Luísa, respondendo aos apelos de seu tempo, enviaram as Filhas da Caridade ao encontro dos pobres. Assim puderam conservar a mobilidade e a disponibilidade necessárias e viver no meio daqueles a quem serviam” (C. 12a).

No tempo dos Fundadores as Sociedades de Vida Apostólica não existiam e foram São Vicente e Santa Luísa que introduziram na Igreja este estilo particular de seguir a Cristo, expressado especialmente na Carta Magna (cf. C. 12a).

A Carta Magna dá significado a secularidade, tal como é compreendida na Companhia. A secularidade é outra característica da identidade da Companhia. *“As Filhas da Caridade não são religiosas, mas Irmãs que vão e vêm como seculares”* (Documentos, nº 783, p. 1026).

A secularidade se concretiza pela maneira de viver a missão no mundo e com o mundo, numa real proximidade com os pobres. Ela exige mobilidade e disponibilidade para responder aos sofrimentos dos pobres em qualquer parte.

Hoje: *“A Companhia das Filhas da Caridade é uma Sociedade de Vida Apostólica em comunidade, que assume os conselhos evangélicos mediante um vínculo definido pelas Constituições”* (C. 1b).

O Código de Direito Canônico (CDC) de 1983 definiu as Sociedades de Vida Apostólica da seguinte forma: *“Assemelham-se aos institutos de vida consagrada as Sociedades de vida apostólica, cujos membros, **sem votos religiosos**, prosseguem o fim apostólico próprio da sociedade e, **vivendo em comum a vida fraterna**, de acordo com a própria forma de vida, tendem, **pela observância das Constituições, à perfeição da caridade**”* (CDC, cân. 731, §1).

“Entre elas há sociedades, cujos membros assumem os conselhos evangélicos mediante um vínculo determinado pelas constituições” (CDC, cân. 731, §2).

Todos estes elementos podem-se aplicar a Companhia.

- Sem votos religiosos

“São votos ‘não religiosos’, anuais, sempre renováveis” (C. 28a).

Votos não religiosos: na Companhia, *“não se é Filha da Caridade porque se faz votos mas, faz-se votos porque se é Filha da Caridade e*

para sê-lo cada vez mais perfeitamente” (Ecos da Companhia 1985, nº 7, p. 336 - Padre Michel Lloret, C.M.).

Votos anuais, sempre renováveis: a renovação anual dos votos permite um aprofundamento progressivo, dinâmico e sempre atual do dom total a Deus na Companhia (cf. p. 32-34).

- O fim apostólico próprio

“Doadas a Deus para o serviço de Cristo nos pobres, as Filhas da Caridade encontram a unidade de sua vida nesta finalidade” (C. 16a).

A Companhia nasceu em resposta ao apelo de Deus, para se colocar ao serviço dos pobres. A finalidade da Companhia equivale ao que a Igreja define como fim apostólico próprio.

Isso quer dizer que todas as dimensões da vida da Filha da Caridade estão orientadas para o serviço. O serviço dá sentido à vida comunitária, da mesma maneira que a relação com Deus revitaliza constantemente esta forma de se doar a Deus: servir os pobres e continuar a missão de Jesus Cristo.

“Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra. E o que fez Ele principalmente?...trabalhou constantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes e instruindo os ignorantes, quanto a sua salvação. Como sois felizes, minhas Filhas, por terdes sido chamadas a um estado tão agradável a Deus!” (SV, conf. de 5 de julho de 1640, p. 10).

- Viver em comum a vida fraterna

“Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço” (C. 32a).

A vida comunitária é um elemento constitutivo das Sociedades de Vida Apostólica. A Companhia considera o “viver juntas” como um elemento formador e força para a missão e a vida espiritual.

- Tendem, pela observância das Constituições, à perfeição da caridade

As Constituições são: *“um caminho espiritual, um caminho apostólico e missionário, um caminho comunitário”* (Carta de introdução às Constituições, p. 8).

Para São Vicente, *as Regras* (as Constituições) expressam o projeto de Deus para a Companhia. Elas estão enraizadas no Evangelho. *“Elas vos fazem chegar ao que Deus pede de cada uma”* (SV, conf. 8 de agosto de 1655, p. 527). Elas são *“um caminho que Deus marcou”* (SV, conf. de 30 de maio de 1647, p. 210). E *“contêm os meios de vos encaminhar à perfeição”* (SV, conf. de 30 de maio de 1647, p. 211).

Tender à perfeição da caridade faz-nos descobrir pouco a pouco a alegria da doação e nos permite aceitar os nossos limites. As Constituições *“propõem-nos um modo de amar”* (Carta de introdução às Constituições, p. 7). É um caminho para toda a vida.

- Cujos membros assumem os conselhos evangélicos

De acordo com as Constituições, a Companhia é uma Sociedade de Vida Apostólica em comunidade, que assume os conselhos evangélicos através do vínculo definido pelas Constituições. Por meio dos votos elas ratificam seu dom total a Deus (cf. C. 28a).

4. A internacionalidade da Companhia e a universalidade do carisma

“A Companhia é internacional. O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo” (C. 6).

A Companhia é internacional porque ela está presente em diversos países e seus membros são de nacionalidades diferentes. Esta

característica exige de cada Filha da Caridade o aprendizado para a disponibilidade, a abertura de espírito a toda a Companhia, ao respeito às diferenças e a prática do diálogo intercultural. É um chamado a unidade na diversidade.

O carisma é universal, visto que é um dom do Espírito Santo à Igreja. Ele transcende o espaço e o tempo. Ele se fundamenta no Evangelho e se expressa pela caridade. É um chamado a comunhão com Cristo.

C. Para uma fidelidade sempre renovada

“O apelo ouvido pelas primeiras Irmãs é sempre o mesmo que, no mundo inteiro, suscita e congrega as Filhas da Caridade. Esforçam-se por buscar na fonte as inspirações e intuições dos Fundadores, para responder, com uma fidelidade e disponibilidade sempre renovadas, às necessidades de seu tempo” (Constituições p. 19-20).

Atualmente, a fim de permanecerem fiéis a sua identidade, as Filhas da Caridade esforçam-se para:

1. Enraizar-se mais profundamente em Jesus Cristo

A exigência de estar enraizada em Jesus Cristo é, mais do que nunca, fundamental para servir permanentemente o Cristo nos pobres. Com um olhar de fé, cada encontro com os pobres é um encontro com Cristo. A oração permite unificar progressivamente a sua vida, cultivar a interioridade, construir comunidades de fé e de missão fundamentadas no Evangelho.

2. Discernir em comunidade o apelo dos pobres

Desde as origens, a Companhia está atenta aos sinais dos tempos e as novas pobreza, sendo assim, fiel a inventividade e a audácia dos Fundadores. Hoje, as Filhas da Caridade têm a responsabilidade de continuar este impulso missionário, com a constante preocupação de colaborar através da justiça e da caridade efetiva. O diálogo e a busca

comum no dia a dia, as revisões de vida, as Assembleias são meios oferecidos pela Companhia para favorecer o discernimento.

3. Manter com convicção o carisma vivo

A Companhia tem uma longa história através da vida de milhares de Filhas da Caridade que seguiram o caminho trilhado por São Vicente e Santa Luísa. A formação inicial e contínua são vitais para perseverar na fidelidade ao carisma dos Fundadores.

Ao longo dos séculos, muitos grupos se inspiraram na espiritualidade vicentina. Eles formam a Família Vicentina. Num espírito de fraternidade, as Filhas da Caridade compartilham com eles os valores ensinados por São Vicente e Santa Luísa, realizam projetos missionários em comum e, juntos asseguram a transmissão do carisma, através da palavra e, especialmente do testemunho evangélico.

4. Ser fiel às Constituições

São Vicente compara as “Regras” (Constituições) com asas. *“Como os pássaros têm asas para voar, não estando com elas sobrecarregados de modo algum, assim as Filhas da Caridade têm suas regras que lhes servem de asas a fim de voarem a Deus; e, bem longe de lhes serem um peso, elas voam quando as praticam bem”* (SV, conf. de 08 de agosto de 1655, p. 528).

As Constituições permitem a Companhia continuar fiel ao espírito inicial, conservar a unidade entre as Filhas da Caridade e a comunhão na Companhia.

Para permanecer fiel às Constituições e apropriar-se delas com um espírito de fé, é indispensável conhecê-las bem e aprofundá-las.

5. Viver a pertença à Companhia

“A partir do momento em que uma postulante é admitida ao Seminário, ela se torna membro da Companhia” (C. 5a).

“A Comunidade é o primeiro lugar de pertença das Filhas da Caridade”
(C. 34).

Viver a pertença é responder ao apelo a uma abertura de coração que transcende o seu país, a sua Província, o seu continente, a comunhão entre as Irmãs, a uma ampla disponibilidade e mobilidade efetiva para além de todos os tipos de fronteiras.

A dimensão da comunhão torna credível o testemunho de toda a Companhia.

O fato das Irmãs aceitarem partir e servir em qualquer lugar, reforça o caráter internacional da Companhia. A disponibilidade é um sinal de pertença.

O sentido de pertença cresce à medida em que é alimentado o interesse e o desejo de uma participação plena na vida da Companhia.

6. Servir com outros

Influenciada pelo Concílio Vaticano II, Mère Guillemin em 1964 teve a intuição de propor modificações necessárias para estimular a Companhia a ser cada vez mais presença no mundo. Ela convidou as pessoas consagradas a passar:

- *de uma situação de posse a uma situação de inserção,*
- *de uma posição de autoridade para uma posição de colaboração,*
- *de um complexo de superioridade religiosa a um sentimento de fraternidade,*
- *de um complexo de inferioridade a uma sincera participação na vida,*
- *de uma preocupação de conversão moral para uma preocupação missionária.*

Mesmo que a situação tenha mudado e a colaboração tenha se tornado mais habitual, estas "passagens" continuam a ser referências para a Companhia. É um estado de espírito a ser mantido (cf. E. 9).

As Filhas da Caridade são impelidas a partilhar o carisma com outros, a inserir-se na pastoral da Igreja, a servir com a Família Vicentina e outras associações, a trabalhar em rede, a participar de projetos, a se formar profissionalmente.

O trabalho em rede é uma ferramenta entre outras. Ela permite agir com mais eficácia sem perder de vista a importância da qualidade das relações.

Para ir mais longe

1. *“E vós, quem dizeis que eu sou?”* Como manter e desenvolver a minha relação pessoal com Cristo?
2. O carisma é um dom de Deus para ser vivido, transmitido e partilhado. De que maneira?
3. Rer a Carta Magna (C. 12a) com base na definição das Sociedades de Vida Apostólica e na nossa identidade espiritual.
4. *“Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: ‘a Companhia da Caridade ainda vive’”* (SV, conf. de 9 de fevereiro de 1653, p. 390).
Quais compromissos concretos podemos assumir hoje para que estas virtudes se tornem visíveis no nosso estilo de vida?
5. O projeto evangélico das Filhas da Caridade se expressa nas Constituições. Elas contêm o “patrimônio espiritual” da Companhia. Como rer a minha vida à luz das Constituições?
6. Como compreender e viver atualmente as “passagens” de Mère Guillemin? (ver p. 26).

Para aprofundar

- **Código de Direito Canônico (CDC)**

Devido a sua regeneração em Cristo, existe entre todos os fiéis verdadeira igualdade no concernente à dignidade e atuação, pela qual todos eles cooperam para a edificação do corpo de Cristo, segundo a condição e a função próprias de cada um (cân. 208).

Sociedades de Vida Apostólica: cânones 731-746

- **Texto do Concílio Vaticano II**

Logo desde os princípios da Igreja, houve homens e mulheres, que pela prática dos conselhos evangélicos procuraram seguir Cristo com maior liberdade e imitá-lo mais de perto, consagrando, cada um a seu modo, a própria vida a Deus (Perfectae caritatis, 1).

- **Catecismo da Igreja Católica (CIC)**

Durante toda a sua vida, Jesus se mostra como nosso modelo. Ele é o “homem perfeito” que nos convida a tornamo-nos seus discípulos e segui-Lo (nº 520).

- **Exortação apostólica Vita consecrata**

Há que salvaguardar e promover a especificidade desta forma de vida, que, ao longo dos últimos séculos, produziu tantos frutos de santidade e de apostolado, especialmente no campo da caridade e na difusão missionária do Evangelho (nº 11).

- **Instrução sobre os votos**

Textos dos Fundadores: p. 162-167

Capítulo 2 - Os votos das Filhas da Caridade

A. Os votos na vida cristã

Em certos momentos da vida, todo cristão pode ser levado a assumir um compromisso com Deus. Alguns sacramentos o exigem: batismo, confirmação, matrimônio, ordem. A promessa também pode ser um ato, uma oração, uma peregrinação...

O que é um voto na Igreja? Um voto é *“a promessa deliberada e livre feita a Deus de um bem possível e melhor, (que deve cumprir-se) por virtude da religião”* (cf. CDC cân. 1191).

- *A promessa*: compromisso de fazer ou não fazer algo.
- *deliberada e livre*: tomada de toda liberdade diante de Deus, após um discernimento, estando consciente da sua relevância.
- *feita a Deus*: esta é uma maneira de glorificar a Deus e de reconhecê-Lo como único Senhor.
- *de um bem possível e melhor*: o bem prometido é naturalmente possível de se realizar, e melhor porque ajuda a avançar mais no caminho da santidade.

Através do voto, os batizados atribuem a Deus a honra que Lhe é devida, manifestando ao mesmo tempo, a sua dependência como criaturas. O voto torna-se assim uma oração, um louvor, um ato de adoração.

Os votos expressam um compromisso ao mesmo tempo que oferecem um impulso espiritual e missionário.

B. Os conselhos evangélicos

“Para servir a Cristo nos pobres, as Filhas da Caridade comprometem-se a viver sua consagração batismal pela prática dos conselhos

evangélicos de castidade, pobreza e obediência que recebem deste serviço seu caráter específico” (C. 27).

Todo batizado é chamado a viver os conselhos evangélicos. Eles são especialmente expressos nas Bem-aventuranças, programa de vida para todos os cristãos.

A Igreja reconhece na prática dos conselhos evangélicos um meio de se aproximar daquilo que o próprio Jesus viveu: amor, proximidade com os pobres, justiça, reconciliação, doação total e obediência ao Pai.

Na história da Igreja, os conselhos evangélicos específicos de castidade, pobreza e obediência têm sido considerados como um caminho de doação total, uma expressão particular do seguimento de Cristo.

Ao fazer voto de vivê-los, as Filhas da Caridade comprometem-se a se configurar a Jesus Cristo casto, pobre e obediente.

C. Os votos das Filhas da Caridade

“As Filhas da Caridade fazem quatro votos: serviço dos pobres, castidade, pobreza e obediência... São votos ‘não religiosos’, anuais, sempre renováveis, conforme as Constituições e os Estatutos. A Igreja os reconhece tais como são entendidos pela Companhia, em fidelidade a seus Fundadores” (C. 28a).

Os votos, tal como são vividos na Companhia e reconhecidos pela Igreja são:

1. Votos “não religiosos”

A expressão votos “não religiosos” significa antes de tudo que os votos das Filhas da Caridade são distintos dos votos das religiosas. Na vida religiosa, as Irmãs professam os conselhos evangélicos através dos votos públicos e, por este ato, elas se tornam religiosas. É o centro de sua consagração.

As Filhas da Caridade expressam seu dom total a Deus continuando a missão do Cristo Servo no caminho da caridade: *“não fazendo qualquer outra profissão... senão... pela oferenda que lhes fazem de tudo o que são e do próprio serviço na pessoa dos pobres”* (SV, conf. de 24 de agosto de 1659, p. 878). O centro da sua consagração é o serviço de Cristo nos pobres.

É por esta razão que a postulante se torna Filha da Caridade no momento de sua entrada no Seminário. Contudo, os votos são necessários para permanecer na Companhia.

A expressão “profissão dos votos” não é utilizada para os votos das Filhas da Caridade. As Constituições usam os verbos: escolher, assumir, praticar, ratificar, porém, nunca o verbo “professar”, porque professar implica: proclamar publicamente.

2. Anuais e sempre renováveis

“A renovação anual dos votos permite às Irmãs ratificar sua vontade de responder à vocação, ao mesmo tempo que garante a estabilidade de seu serviço a Cristo na Companhia” (C. 28d).

Esta expressão “anuais e renováveis” significa que os votos se renovam todos os anos.

Este princípio não diminui a sua importância, nem a sua radicalidade. Na medida em que são vividos com fidelidade, eles são uma autêntica escolha de vida. Sendo assim são sinais proféticos.

“Mas valia, todavia, não os fazer do que fazê-los com a intenção de deles vos dispensardes quando quisésseis” (SV, conf. de 19 de julho de 1640, p. 17).

A Renovação anual é uma oportunidade de reafirmar o “sim”, sem interromper em nada o compromisso já assumido. De fato, é um processo contínuo de conversão e de perseverança que permite a

cada Irmã reler a sua vida, revitalizar-se, comprometer-se novamente com fidelidade. É um meio de crescimento humano, espiritual e vocacional.

3. Um voto específico

“Elas se comprometem por um voto específico a servir os pobres” (C. 24a).

Esta é a maior característica da Companhia e um aspecto fundamental dos votos das Filhas da Caridade, porque a finalidade da Companhia corresponde a este voto específico: o serviço de Cristo nos pobres.

Os votos de castidade, pobreza e obediência são compreendidos e vividos em referência ao serviço, ou seja, o voto de serviço dos pobres dá significado aos outros três votos.

O voto de castidade: *“por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres” (C. 29a).*

O voto de pobreza: *“preocupadas em partilhar a vida dos pobres, esforçam-se por se converter cada dia à pobreza evangélica” (C. 30b).*

O voto de obediência implica: *“... a uma busca e a uma aceitação humilde e leal da vontade de Deus, manifestada à Companhia de muitos modos: pelo clamor dos pobres, os apelos da Igreja, os sinais dos tempos, as Constituições e os Estatutos” (C. 31b).*

4. Segundo as Constituições e Estatutos

A Igreja aprovou as Constituições e Estatutos e reconheceu os votos das Filhas da Caridade: *“tais como são entendidos pela Companhia, em fidelidade a seus Fundadores” (C. 28a).*

O compromisso de viver os votos, em conformidade com as Constituições e Estatutos, está incluído em ambas as fórmulas dos votos:

“... em conformidade a nossas Constituições e Estatutos”; “E segundo as suas Constituições e Estatutos faço voto por um ano...” (C. 28b).

Tudo o que diz respeito aos votos na Companhia requer a aprovação do Superior geral (cf. C. 28 e C. 64c).

Para as Filhas da Caridade, as Constituições e os Estatutos são os principais documentos de referência para compreender a maneira de viver os votos na Companhia, tal como desejaram São Vicente e Santa Luísa.

5. Enraizadas no mistério da Igreja

Os votos são *“fonte de força, aliança que se enraíza no mistério da Igreja” (C. 28a).*

É no coração da Eucaristia, centro da vida e da missão, que a doação total das Filhas da Caridade assume o seu pleno significado: *“Oferecem-se a si mesmas com o Senhor Jesus no memorial de sua Páscoa” (C. 19c).*

Os votos são pronunciados após o Evangelho e a homilia. Aparecem assim como uma resposta de fé e de amor à Palavra de Deus. Depois, são seguidos pelo credo que amplia este ato de fé e, pela oração da assembleia que, faz participar toda a humanidade através da intercessão da Igreja.

D. Emissão dos votos pela primeira vez

“As Irmãs emitem os votos pela primeira vez, entre cinco e sete anos de vocação, segundo seu desejo e de acordo com a autoridade competente. Elas os pronunciam pela primeira vez em voz alta” (C. 28c).

Os votos confirmam o compromisso assumido no momento da entrada na Companhia, ou seja, o dia da admissão ao Seminário. Para que os votos sejam válidos, é preciso ter a autorização do Superior geral, emiti-los livremente e em voz alta.

A preparação para os votos é vivida dentro de uma comunidade local, numa caminhada progressiva. A Companhia empenha-se em acompanhar as Irmãs que estão neste percurso e elas sentem-se, por sua vez, pessoalmente responsáveis por este processo. Este tempo de preparação é uma oportunidade para amadurecer humanamente e na total entrega ao Senhor e ao serviço dos pobres. Para emitir os votos pela primeira vez, são necessárias algumas etapas:

1. *“Aos quatro anos de vocação, a Irmã escreve à Visitadora e à Superiora geral para lhes manifestar suas disposições a respeito de seu compromisso com a Companhia e o desejo de preparar-se mais imediatamente para os votos. Estas cartas devem ser acompanhadas de um relatório da Irmã Servente”* (E. 15a).
2. *“Três meses antes da data fixada de comum acordo com a Visitadora e a Irmã Servente para a emissão dos votos pela primeira vez, a Irmã escreve à Visitadora para lhe fazer o pedido que é transmitido à Superiora geral”* (E. 15b).

A Superiora geral transmite o pedido ao Superior geral.

3. *“A celebração dos votos se vive na alegria e na ação de graças e reveste-se de um caráter de simplicidade e de pobreza”* (Guia de Formação inicial, p. 101). Ela *“se realiza de modo simples, de preferência na Comunidade local”* (Orientações para a Formação inicial após o Seminarium de maio 2011, p. 6).

Até os dez anos de vocação, a participação na formação inicial para a missão é indispensável para continuar o aprofundamento dos votos (cf. Guia de Formação inicial, p. 102).

E. A Renovação dos votos

“A renovação anual dos votos permite às Irmãs ratificar sua vontade de responder à vocação, ao mesmo tempo que garante a estabilidade de seu serviço a Cristo na Companhia: isto supõe um ato livremente assumido e sempre inspirado pelo amor” (C. 28d).

1. Os votos: um aprofundamento da vocação

Os Fundadores insistiam junto às primeiras Irmãs sobre a importância dos votos para o crescimento espiritual e as encorajavam a pronunciá-los e, em seguida renová-los.

Os votos são compreendidos e aprofundados progressivamente porque o dom total abrange todas as dimensões da vida da Filha da Caridade. É a capacidade de deixar cada vez mais espaço para Deus. Esta disponibilidade à graça suscita força e alegria para perseverar ao longo do tempo.

Esta espiritualidade da Renovação exige preparação para o momento do pedido, formação e, sobretudo, deixar-se transformar pelo Espírito, pelos outros e pelos acontecimentos. A renovação é uma oportunidade oferecida às Filhas da Caridade para progredir no decurso de toda a sua vida.

“Cada uma deve sentir-se responsável por sua própria formação aproveitando os meios acessíveis, sobretudo aqueles que a Companhia lhes proporciona” (C. 58b).

2. O pedido de Renovação anual dos votos

Cada Irmã faz seu pedido de Renovação dos votos a sua Irmã Servente (cf. C. 36b).

Cada Irmã Servente faz seu pedido de Renovação dos votos à Visitadora e transmite-lhe o de suas Irmãs de Comunidade (cf. E. 64b).

Cada Visitadora faz seu pedido de Renovação dos votos e transmite o das Irmãs de sua Província à Superiora geral (cf. C. 73e).

A Superiora geral faz seu pedido de Renovação dos votos ao Superior geral e transmite-lhe o de todas as Filhas da Caridade, com o consentimento do Conselho geral (cf. C. 66f).

Na carta de 2 de fevereiro, existente na Companhia desde 1687, a Superiora geral comunica às Irmãs a graça da Renovação concedida pelo Superior geral. Esta carta, é também uma oportunidade para propor às Filhas da Caridade do mundo inteiro, uma reflexão de preparação mais intensa para Renovação dos votos.

A Renovação é feita na festa da Anunciação, dia escolhido por Santa Luísa para associar a sua própria doação ao “sim” de Maria (cf. C. 28e), durante a Eucaristia.

“Cada Irmã declara ter renovado seu compromisso assinando o documento que será enviado à Visitadora” (C. 28e).

3. Situações excepcionais

A renovação implica viver as exigências dos votos e o desejo de crescer. Se uma Irmã se encontra em dificuldade em relação a estas exigências, a Companhia pode propor, aceitar ou impor um adiamento da Renovação (cf. C. 44). Em todos os casos, a reflexão se faz em diferentes níveis através do diálogo com a Irmã e, entre a Irmã Servente e a Visitadora, para assegurar na medida do possível, um discernimento mais justo.

Uma Irmã pode pedir adiamento da Renovação. Este período lhe permite dedicar tempo, para reler e discernir a fim de melhor compreender se o seu desejo está de acordo com o de Deus. A Companhia irá ajudá-la e oferecer-lhe o acompanhamento necessário.

Este adiamento pode ser também imposto pela decisão do Superior geral, através do pedido da Visitadora com o seu Conselho e após consentimento da Superiora geral com o seu Conselho. Os motivos serão apresentados à Irmã e um acompanhamento lhe será oferecido.

F. Os votos: deveres e direitos

Na Igreja e, portanto, na Companhia, dois princípios regem os deveres e direitos dos membros: igualdade e progressão (cf. C. 40).

Isto significa que todos os membros têm os mesmos deveres e direitos, mas que estes são adquiridos por etapas, em particular: no momento da admissão na Companhia, do envio em missão, da emissão dos votos pela primeira vez e, a partir de dez anos de vocação (cf. C. 42b).

- Deveres: como membros da Companhia, cada Irmã tem o dever de observar as Constituições, obedecer aos legítimos Superiores e, no tempo determinado, emitir os votos pela primeira vez e depois renová-los.
- Direitos: eles são exercidos especialmente pela participação em Assembleias, consultas, eleições ou governo. As condições estão especificadas nas Constituições.

Para ir mais longe

1. Os votos: um compromisso, uma exigência, um caminho a seguir: que sentido eu dou pessoalmente a esta dinâmica de vida? De que forma ela é evangélica?
2. Como os votos favorecem a relação com Cristo? Com os outros?
3. A preparação dos votos requer autorreflexão: dons, limites, capacidade de ceder... Estou pronta a reconhecer tudo o que constitui a minha personalidade e seguir um caminho de transformação em vista do que o Senhor espera de mim?
4. Como os votos abrangem a minha vida espiritual, missionária, fraterna? Como podemos ajudar-nos umas as outras a viver os votos?
5. Na Companhia, os votos são: não religiosos, anuais e sempre renováveis. Qual compreensão tenho desta especificidade? Quais são as suas implicações?
6. No mundo de hoje, certas realidades (correntes de pensamento, formas de viver...) levam à vida e outras à morte. Dedico tempo a identificá-las, a medir o seu impacto na minha vida e, em particular, na prática dos votos?

Para aprofundar

- **Código de Direito Canônico**

Cada instituto, tendo em consideração a índole e os fins próprios, determine nas suas constituições o modo como se devem observar os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, segundo a sua forma de vida (cân. 598).

- **Texto do Concílio Vaticano II**

Os membros de todo e qualquer Instituto lembrem-se sobretudo que responderam à vocação divina pela profissão dos conselhos evangélicos, não só para morrerem ao pecado (cf. Rom. 6,11), mas também para, renunciando ao mundo, viverem exclusivamente para Deus (Perfectae caritatis, nº 5).

- **Exortação apostólica Vita consecrata**

A relação dos conselhos evangélicos com a Trindade santa e santificadora revela o sentido mais profundo deles. Na verdade, são expressão do amor que o Filho nutre pelo Pai na unidade do Espírito Santo. Praticando-os, a pessoa consagrada vive, com particular intensidade, o carácter trinitário e cristológico que caracteriza toda a vida cristã (nº 21).

- **Instrução sobre os votos**

Textos dos Fundadores: p. 168-169

História dos votos: p. 206-214

Capítulo 3 - Serviço de Cristo nos pobres

“O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade, é para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda a caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres” (Regras comuns das Filhas da Caridade, I,1).

As Filhas da Caridade fazem votos de doar-se a Deus para o serviço dos pobres. Este voto é primordial e orienta os três outros votos.

As Filhas da Caridade inspiram-se no exemplo de Cristo que, lavando os pés dos seus discípulos, na véspera de entregar a sua vida para a salvação dos homens, traçou o caminho do humilde serviço: *“Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais”* (Jo 13, 15).

A vocação das Filhas da Caridade é, portanto, **servir Jesus Cristo** através do **serviço dos pobres**, numa **fidelidade sempre renovada**.

A. No seguimento de Cristo

“Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo” (Mt 4, 23).

1. Cristo, fonte e modelo de toda a caridade

São Vicente e Santa Luísa encorajavam as Filhas da Caridade a contemplar o Cristo Servo.

“A nossa vocação é conforme a vida que o Filho de Deus teve na terra...” (SV, conf. de 25 de dezembro de 1648, p. 295). *“Fostes escolhidas para imitar a Sua Santa vida na terra...”* (SV, conf. de 16 de

agosto de 1640 p. 26). *“Pelo serviço dos pobres, honramos o que o Filho de Deus fez na terra e sua santa humanidade”* (SV, conf. de 16 de março de 1642, p. 40).

Para caminhar no seguimento de Cristo e aproximar-se progressivamente dele, as Filhas da Caridade recorrem incessantemente ao Evangelho. A meditação da Palavra de Deus é um meio para *“aprofundar o conhecimento da pessoa de Cristo e da sua atitude em relação aos humildes e oprimidos”* (cf. C. 22a).

Jesus que veio assumir a nossa humanidade, é fonte e modelo de caridade. Ele nos ensina a ir ao encontro das pessoas e como nos relacionarmos com elas. No contato com todos, particularmente, com a pessoa excluída, doente, estrangeira, Jesus era: compassivo próximo, atencioso... Ele procurava enaltecer as pessoas com respeito e misericórdia. *“Todos os publicanos e pecadores estavam se aproximando para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: ‘Esse homem recebe os pecadores e come com eles!’”* (Lc 15, 1-2).

O Evangelho ensina que os pobres representam Cristo:

“Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Esta palavra de Jesus é a base da mística do serviço que consiste em ver os pobres com olhar de fé. Isto significa: reconhecer nos seus irmãos e irmãs a presença de Cristo. São Vicente fazia alusão a isto através da expressão: *“virai a medalha”* (Obras completas, SV XI, 33). É uma maneira de convidar a considerar a pessoa em sua integridade.

Esta visão de fé anima as Filhas da Caridade. Sua paixão pelo Cristo alimenta e estimula sua paixão pelos pobres. Eles são o núcleo da Companhia e habitam no coração de cada Filha da Caridade.

“Uma Irmã irá dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por dia encontrará Deus neles” (SV, conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 170).

Inspirado nas Escrituras, o selo da Companhia que representa um coração em chamas, sobre o qual se destaca Jesus Crucificado, significa esta paixão que impulsiona as Filhas da Caridade a ir, em nome de Cristo, ao encontro dos seus irmãos e irmãs, os *“verdadeiramente pobres”* (C. 11b), para servi-los: *“a Caridade de Jesus crucificado nos impele”* (cf. 2Cor 5, 14). O selo é a expressão simbólica da centralidade de Cristo e significa que Jesus é a fonte da audácia da Caridade. Ele lembra nossa pertença a Deus e a nossa missão junto aos pobres.

2. Viver em estado de caridade

“Para as Filhas da Caridade, o serviço de Cristo nos pobres é um ato de amor - amor afetivo e efetivo - que lhes orienta a vida e que é a expressão por excelência do ‘estado de caridade’” (C. 24a).

O “sim” ao chamado de Deus na Companhia é um “sim” que engaja todas as dimensões da vida das Filhas da Caridade, em vista do serviço dos pobres. Em outras palavras, os pobres estão no centro da vida cotidiana das comunidades: oração, missão, preocupações, reflexões, tomadas de posição contra a injustiça.

O estado de caridade é um “estado permanente” de serva. São Vicente o expressou desta maneira: *“Podemos dizer que estamos em um estado de caridade, pois vivemos constantemente entregues à prática real do amor ou em prontidão para sê-lo”* (Obras completas, SV XII, 280).

A caridade é a energia, o fogo que impulsiona as Filhas da Caridade a estar constantemente com o avental do serviço. É uma maneira de ser e de agir, seja no serviço, na comunidade ou em todas as relações.

Este estado de caridade se concretiza particularmente através das seguintes características: doar-se com generosidade, estar animada pelo espírito evangélico, deixar-se evangelizar e transformar pelos pobres.

- Doar-se com generosidade

“Com a audácia dos Apóstolos, São Vicente e Santa Luísa, desde as origens, lançaram suas filhas nos caminhos do mundo” (C. 25a).

Desde o início da Companhia, as Filhas da Caridade iam e vinham de acordo com as necessidades. *“Vós fazeis o que Nosso Senhor fazia. Ele não tinha casa, ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia e curava a todos os que encontrava” (SV, conf. de 2 de fevereiro de 1653, p. 383).*

“Deixando tudo, eles o seguiram” (Lc 5, 11).

De fato, a vocação das Filhas da Caridade se caracteriza por uma abertura do coração à universalidade, que implica disponibilidade para se deslocar, adaptação e abertura às missões e aos lugares desconhecidos. É um chamado para um serviço sem fronteiras quer sejam externas (geográficas) ou internas (resistências, medos, escolhas pessoais).

A generosidade, o desapego, a alegria, a *indiferença*, teria dito São Vicente, são os sinais de uma Filha da Caridade feliz de ser totalmente doada a Deus e missionária, independente do local e do tipo de serviço.

O serviço dos pobres deve ser preferido acima de tudo quando uma necessidade urgente o reclama. São Vicente disse: *“deixar Deus por Deus” (SV, conf. de 30 de maio de 1647, p. 212).*

Quando uma Filha da Caridade responde com coragem e criatividade aos apelos que lhe são feitos, ela participa pessoalmente da fidelidade da Companhia ao carisma.

- Estar animadas pelo espírito evangélico

“Qualquer que seja sua forma de compromisso e seu nível profissional, as Irmãs mantêm em relação aos pobres uma atitude de serva que deve ser a concretização das virtudes de seu estado: humildade, simplicidade e caridade” (C. 24d).

A humildade permite-lhes reconhecer as limitações, assim como os seus dons. Isto supõe conhecer-se bem em sua humanidade, aceitar depender do Senhor e precisar umas das outras. A humildade é a fonte do respeito mútuo, da benevolência e da atenção.

A simplicidade leva a desejar a verdade. A sinceridade e a retidão nas relações constroem comunidades segundo o Evangelho. A simplicidade interior e exterior facilita as relações e, particularmente, o encontro com as pessoas fragilizadas por diferentes pobreza.

A caridade de Cristo habita no coração de cada Filha da Caridade. Ela é a origem da vocação e um caminho para a vida inteira. Dia após dia a caridade a configura ao Cristo. Ao servir com caridade testemunha que toda pessoa é filho de Deus.

Viver o espírito evangélico na prática da humildade, da simplicidade e da caridade corresponde ao espírito da Companhia. Ele toca o ser e o agir, e deveria ser o primeiro sinal distintivo das Filhas da Caridade.

“Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: ‘a Companhia da Caridade ainda vive’” (SV, conf. de 9 de fevereiro de 1653, p. 390).

Destas três virtudes emanam os grandes valores humanos, tais como: a compaixão, a doçura, a cordialidade, o respeito e a devoção (cf. C. 10b).

- Deixar-se evangelizar e transformar

“Estão atentas em aprender com os pobres e a deixar-se evangelizar por eles” (C. 24b).

São Vicente repetia várias vezes que os pobres eram *“nossos senhores e nossos mestres”* (SV. conf. 14 de junho de 1643, p. 77). Tinha a convicção que eles ensinavam, convertiam e construíam o ser da Filha da Caridade. Sabia que o serviço é uma escola que permite viver a fé de maneira mais coerente e madura no âmbito humano e espiritual. É desta forma que podemos dizer que é servindo que se torna serva.

Jesus poderia ter agido sozinho, porém, pediu a participação dos seus discípulos: *“Dai-lhes vós mesmos de comer”* (Mt 14, 16). Assim, o serviço implica integrar mais as pessoas em situação de pobreza nos projetos, viver a fraternidade com os mais pobres, caminhar com eles e entrar num processo de acolhimento recíproco.

Trata-se de comprometer-se através da partilha, da solidariedade e da amizade num encontro autêntico com aqueles que estão em situação de pobreza.

B. O voto do serviço dos pobres

“Elas se comprometem por um voto específico a servir os pobres corporal e espiritualmente, segundo as Constituições e Estatutos” (C. 24a).

O voto de servir os pobres corporal e espiritualmente é, para as Filhas da Caridade, sua maneira específica de doar-se a Deus; é o que as caracteriza e unifica suas vidas.

“Este serviço nutre sua contemplação e dá sentido à sua vida comunitária, assim como à relação com Deus e à vida fraterna em comum, revigoram sem cessar o compromisso apostólico” (C. 16b).

Os Fundadores perceberam, desde as origens, uma armadilha que ameaça sempre as Filhas da Caridade: favorecer seja a dimensão espiritual, seja a dimensão corporal. Ora, é preciso servir toda a pessoa. Com as palavras de sua época, São Vicente e Santa Luísa já haviam expressado a exigência do serviço integral.

“... o vosso fim principal é dar o conhecimento de Deus, pelo serviço espiritual que prestais aos Pobres, servindo-os corporalmente” (SV, conf. de maio de 1658, p. 764).

As Constituições e Estatutos descrevem o compromisso que as Filhas da Caridade assumem quando fazem o voto do serviço dos pobres: *servir os pobres em todos os lugares* (cf. C. 10 e C. 11).

1. Servir todos os pobres

“A vossa vocação é de tal modo que indistintamente deveis prestar cuidados a toda a classe de pessoas, sejam homens, mulheres ou crianças e em geral a todos os pobres que necessitarem dos vossos serviços” (SV, conf. de 6 de janeiro de 1658, p. 750).

As Filhas da Caridade se comprometem em servir seus irmãos e irmãs em situação de pobreza. Para estar de acordo com o espírito das Constituições, algumas condições são necessárias:

- Ser enviadas pela Companhia

“As Irmãs têm consciência de agir como membros da Companhia e de serem enviadas por ela. Em espírito de compreensão e de diálogo, as

opções a tomar em plano local ou individual serão, pois, aprovadas pela autoridade competente” (C. 5c).

As Filhas da Caridade são enviadas pela Companhia durante toda a sua vida e especialmente, em cada transferência. Cada uma delas compromete a Companhia e a Igreja através de sua missão, de seu testemunho e de suas palavras (cf. E. 8a), daí a importância do diálogo e do discernimento comunitário.

- Responder a todas as formas de pobreza

“Na escola do Filho de Deus, as Filhas da Caridade aprendem que nenhuma miséria lhes deve ser estranha... Múltiplas são as formas de pobreza, múltiplas as formas de serviço...” (C. 11a).

As Filhas da Caridade estão prontas para descobrir e responder a todas as formas de pobreza. A missão pode ser exercida em diferentes áreas com um espírito de criatividade e audácia para adaptar-se às épocas e aos lugares. As Irmãs estão engajadas em muitos lugares de missão conhecidos e no campo das novas pobreza.

- Dar prioridade aos *“verdadeiramente pobres” (C. 11b).*

São Vicente e Santa Luísa não fundaram a Companhia em vista de um certo tipo de missão. Eles optaram pelo serviço a todos os pobres, mas, com a prioridade dada *“aos verdadeiramente pobres”*. É um desejo a ser cultivado e um critério que deve sempre nortear a Companhia, as Províncias, as Comunidades e cada uma em particular.

A noção de *“verdadeiramente pobres”* é ampla e instável em função dos países e das épocas. Trata-se tanto das pobreza materiais, espirituais, afetivas, quanto das situações relacionadas à injustiça e à violação dos direitos humanos.

- Privilegiar a relação de proximidade

“Desde as origens São Vicente e Santa Luísa, respondendo aos apelos de seu tempo, enviaram as Filhas da Caridade ao encontro dos pobres. Assim puderam conservar a mobilidade e a disponibilidade necessárias e viver no meio daqueles a quem serviam” (C. 12a).

São Vicente desejou que as Filhas da Caridade fossem próximas das pessoas. A importância que ele acordava às visitas domiciliares expressa bem esta intuição. A Carta Magna (cf. C. 12a) ilustra isto assim como várias conferências que destacam a necessidade de “ir ao encontro”.

A atenção, condição prévia de todo serviço, é também facilitada por uma proximidade de vida com os mais pobres. Ela se realiza no serviço, nas relações, na maneira de ser, de fazer e através de um estilo de vida mais próximo possível dos pobres.

A proximidade se traduz também pela solidariedade com os pobres, pela participação na defesa dos seus direitos, através de relações fraternas com eles e na comunhão com suas alegrias e seus sofrimentos.

“Para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância” (Papa Francisco, Fratelli tutti, nº 106).

2. Servir em qualquer parte

“Estão prontas a servir em qualquer parte onde forem enviadas, convencidas de que contribuem para a realização da missão confiada pela Igreja” (C. 25b).

Todas as Filhas da Caridade são discípulas-missionárias de Cristo, pois, são enviadas em Seu nome. Elas se doam inteiramente ao serviço de Cristo nos pobres para continuar a sua missão.

As Filhas da Caridade se caracterizam pela sua disponibilidade e sua mobilidade. Para responder ao clamor dos pobres e às necessidades da Companhia, elas estão prontas a mudar de Comunidade e de serviço quando isto lhes é pedido. Estas mudanças são também ocasiões de crescimento humano e vocacional, pois, exigem deixar para trás hábitos, relações e referências. A ajuda mútua da comunidade e da oração são verdadeiros apoios para viver estes desprendimentos.

A Companhia envia Irmãs aonde for necessário. Logo, elas se colocam em atitude de despojamento dos seus conhecimentos, de aprendizado e de acolhimento a fim de servir humildemente em outra região, outro país e numa nova cultura.

“Deveis estar prontas a servir os pobres em todos os lugares aonde vos enviarem: nos campos de batalha, como fizestes ao serdes chamadas para isso, junto aos pobres criminosos e, em geral, em todos os lugares onde puderdes assistir os pobres pois esta é a vossa finalidade” (SV, conf. de 18 de outubro de 1655, p. 546).

Pode acontecer que uma Província faça o apelo a outra para que uma ou várias Irmãs se unam a uma missão temporária, por exemplo, em uma situação missionária de urgência. As Filhas da Caridade se mostram então disponíveis para participar desta entreaajuda interprovincial.

Algumas serão enviadas em missões Ad Gentes (cf. C. 25 e E. 13). Esta se define, entre outras, pelo anúncio do Evangelho em lugares onde Cristo não é conhecido, ou em países onde a transmissão da fé foi interrompida ou ainda em países hostis a fé cristã. Então, a evangelização se vive pela presença e o testemunho de uma Comunidade, sinal de fraternidade universal.

C. Por uma fidelidade sempre renovada

Atentas ao clamor dos pobres, as Filhas da Caridade se mantêm dispostas a “sair” para ir às periferias e inventar novas formas de serviço, de acordo com o carisma dos Fundadores.

Para manter-se fiéis ao carisma, em função da época, do lugar, dos tipos de pobreza, das circunstâncias sociais e políticas, as Filhas da Caridade permanecem vigilantes e prontas para se renovar com um espírito missionário audacioso: *“Cristo interpela continuamente a Companhia pelos irmãos e irmãs sofredores, pelos sinais dos tempos, pela Igreja”* (C. 11a). Portanto, é necessário insistir, particularmente na **escuta**, no **discernimento**, na **formação** e na **conversão ecológica**.

1. Escuta

A disposição à escuta é fundamental. Ela acolhe o Espírito Santo que se manifesta através da Palavra de Deus, da palavra da Igreja, do clamor dos pobres, das Irmãs, dos colaboradores... Em todos os casos, trata-se de abrir o coração, deixar-se modelar, interpelar e, às vezes inquietar.

A escuta da Palavra de Deus atribui intensidade ao dom de sua vida e esclarece as escolhas do cotidiano.

A escuta da palavra da Igreja: a leitura e o aprofundamento dos seus documentos dão orientações, fortalecem a fé e o sentido de pertença à Igreja e reacendem a paixão para viver o Evangelho.

A escuta dos pobres: é preciso dedicar tempo para aprender a escutar o sofrimento e acolhê-lo com respeito. Portanto, ela é a primeira etapa indispensável de toda ação.

A escuta das Irmãs: as Irmãs se escutam mutuamente para melhor servir, compreender a realidade dos pobres, planificar, avaliar e renovar-se.

A escuta dos colaboradores: pressupõe ter a convicção de que o serviço é partilhado no respeito e na reciprocidade.

2. Discernimento

O discernimento implica uma busca constante da vontade de Deus nos sinais cotidianos: *“Não nos esqueçamos de que o discernimento orante exige partir da predisposição para escutar: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras”* (Papa Francisco, Gaudete et Exsultate, nº 172). Deus está presente nos acontecimentos, no clamor dos pobres, no cotidiano das comunidades. O discernimento exige tempo e uma aproximação das pessoas com um coração misericordioso.

São Vicente afirma: *“Para bem distinguir (os verdadeiramente pobres) seria necessário visitá-los em suas casas, para ver de perto os mais necessitados e os que não o são tanto”* (cf. Obras completas, SV VI,422, em 21 de julho de 1657).

O discernimento é um ato pessoal e comunitário. Implica ter um espírito aberto durante os diálogos e saber aceitar o ponto de vista dos outros.

Na Companhia, as *“escolhas são sempre feitas em função do serviço de Cristo nos pobres, segundo o espírito da vocação”* (C. 61). A reflexão apostólica, a revisão das obras, as Assembleias, o Projeto comunitário são instrumentos de discernimento.

A reflexão apostólica (cf. E. 11) sobre a vida de serviço permite discernir, à luz da Palavra de Deus, as conversões necessárias da alma e do coração e, encontrar as atitudes e os meios adequados.

A revisão das obras: o mundo em perpétua mutação. Por esta razão, os serviços devem ser regularmente relidos para verificar se correspondem sempre a uma necessidade ou se é preciso mudar para responder ainda mais às exigências atuais da caridade e da evangelização, de acordo com os diferentes contextos.

As Assembleias têm igualmente esta função de discernimento: *“a função das Assembleias é avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica”* (C. 84a).

O Projeto comunitário (cf. C. 83 e E. 67) é elaborado com discernimento, confiança, diálogo, numa atitude de conversão e requer igualmente a oração e a caridade.

3. Formação

Aprofundar e progredir na vocação exige cuidar da vida espiritual, comunitária e apostólica através da formação.

A formação *“não é só uma necessidade. É uma questão de justiça para com os pobres e cada Irmã”* (C. 52a). As Irmãs desfrutam dos meios colocados a disposição pela Companhia, interessam-se por eles e consagram-lhes tempo necessário. No que se refere ao serviço, elas têm a preocupação de adquirir competência profissional, conhecer a legislação em vigor para agir de acordo com a justiça, sempre inspiradas pela caridade.

Atualmente, e mais do que nunca, é indispensável formar para a colaboração com os funcionários ou voluntários e privilegiar as atitudes de reciprocidade, respeito e diálogo.

É muito importante também aprender a trabalhar com as pessoas em situação de precariedade para que elas se tornem atores da sua própria promoção (cf. C. 24e).

A doutrina social da Igreja é uma das referências de base que é indispensável conhecer para poder *“comprometer-se a trabalhar no plano social para mudar as estruturas injustas que geram a pobreza”* (C. 24e).

4. Apelo à conversão ecológica

“Pronunciam-se abertamente pelo respeito e a defesa da vida humana em todas suas fases e pelo direito à paz para todos os povos e nações. Denunciam as situações que exploram e excluem as pessoas” (E. 8c).

“Convictas de que os bens da terra formam um patrimônio comum, favorecem o uso responsável das fontes naturais e a distribuição equitativa dos bens” (E. 8d).

A encíclica *Laudato si* (Papa Francisco, 2015) insiste na evidência de que os pobres são as primeiras vítimas das injustiças, do tráfico, da falta de água, da poluição, do endividamento do Estado, do aquecimento global e do mercado de armas...

“Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (Laudato si, nº 139).

Trata-se de compreender bem que tudo está interligado: paz, justiça e salvaguarda da criação; por isso, este apelo para mudar o comportamento no modo de consumir, de viver juntas; a se comprometer na luta pela paz, pela justiça e por uma maior proximidade com os mais frágeis. Isto é o que chamamos conversão ecológica.

Tudo está interligado e a vida das Filhas da Caridade só poderá ser unificada buscando uma coerência fundamentada no Evangelho. Esta coerência expressa-se nas prioridades missionárias, no estilo de vida, na qualidade dos gestos cotidianos e das relações.

Para ir mais longe

1. *“Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres”* (SV, conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 170). Como crescer progressivamente neste olhar de fé? Partilhar uma experiência concretamente vivenciada.
2. *O estado de caridade*: como efetivamente ele se manifesta em minha vida?
3. O voto do serviço dos pobres dá um carácter específico aos demais votos. O que isto significa concretamente?
4. De que maneira estou atenta às pessoas que vivem na pobreza? Partilhar experiências de escuta.
5. A Companhia é missionária por natureza. Como eu me sinto implicada pela dimensão internacional?
6. Como conciliar uma intensa atividade missionária com a necessária revitalização espiritual e comunitária?
7. Os Fundadores viram na vida fraterna em comum um apoio para a missão. Como me comprometo diante desta maneira de compreender a vida comunitária?

Para aprofundar

- **Texto do Concílio Vaticano II**

Para corresponder à sua vocação de seguir a Cristo e servir ao próprio Cristo nos Seus membros, é necessário que a sua ação apostólica resulte da sua união com Cristo. Sucederá que, desta forma, se alimenta a caridade para com Deus e para com o próximo (Perfectae caritatis, nº 8).

- **Catecismo da Igreja Católica**

O amor da Igreja pelos pobres [...] faz parte da sua constante tradição. Esse amor inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças, na pobreza de Jesus e na sua atenção aos pobres. O amor dos pobres é mesmo um dos motivos do dever de trabalhar: para “poder fazer o bem, socorrendo os necessitados” (Ef 4,28). E não se estende somente à pobreza material, mas também às numerosas formas de pobreza cultural e religiosa (nº 2444).

- **Encíclica Laudato si**

Mas, hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres (nº 49).

- **Encíclica Fratelli tutti**

Escuta nº 48-50 - A solidariedade nº 115-116

- **Exortação apostólica Evangelii gaudium**

A Igreja em saída nºs 46-49

- **Exortação apostólica Gaudete et Exsultate**

No capítulo 25 do Evangelho de Mateus (vv. 31-46), Jesus volta a deter-se numa destas bem-aventuranças: a que declara felizes os misericordiosos. Se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados: “Tive fome e ...” (Mt 25, 35-36). Deste modo, ser santo não significa revirar os olhos num suposto êxtase. Dizia São João Paulo II que, “se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar”. O texto de Mateus 25, 35-36 “não é um mero convite à caridade, mas uma página de cristologia que projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo”. Neste apelo a reconhecê-Lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais se procura configurar todo o santo (nº 95-96).

- **Documento Final da Conferência geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe - Aparecida**

A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que, se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9) (nº 392).

- **Instrução sobre os votos**

Textos dos Fundadores: p. 191-201

Capítulo 4 - Castidade

“As Filhas da Caridade... Acolhem a castidade como dom que liberta seu coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres” (C. 29a).

“A castidade é uma virtude moral. Mas é também um dom de Deus, uma graça, um fruto do trabalho espiritual” (cf. Ga 5,22) (Catecismo da Igreja Católica - CIC, nº 2345). As Filhas da Caridade acolhem na fé este dom de Deus que elas estão sempre descobrindo.

Como todo dom de Deus, a castidade nos torna capazes de amar com mais intensidade.

“Resposta de amor a um apelo de Amor” (C. 29b), a castidade no celibato por causa do Reino dos Céus, liberta o coração da Filha da Caridade, para que seja inflamado cada vez mais pelo amor de Deus e dos pobres.

*“Acolher a castidade como dom que liberta seu coração” (C. 29a). É um itinerário de vida, um processo progressivo feito de desapegos e de inversão dos centros de interesse para melhor amar, ou seja, amar conforme *as dimensões do Coração de Jesus Cristo*. É necessário contar com a graça de Deus, com o tempo e ser muito humilde.*

A castidade testemunha o amor preferencial pelo Senhor. É uma convicção de fé que tinham os nossos Fundadores. São Vicente o formulou claramente: *“Amar a Deus... mais que tudo, mais que ao pai, mãe, parentes e amigos, ou qualquer outra criatura; é amá-Lo mais do que a si mesmo” (SV, conf. de 19 de julho de 1640, p. 13).*

São Vicente e Santa Luísa expressaram com frequência que a castidade concerne as dimensões relacionais e afetivas. Ela se traduz, portanto, nas atitudes, na maneira de pensar, na maneira de amar.

Para viver a castidade, as Filhas da Caridade escolhem livremente dilatar seu coração para amar sem exclusividade, no **seguimento de Cristo**, comprometem-se com Ele através do **voto de castidade** e buscam os meios para perseverar **numa fidelidade sempre renovada**.

A. No seguimento de Cristo

“Seguindo Jesus Cristo, as Filhas da Caridade comprometem-se por voto com a vida de castidade no celibato em vista do Reino” (C. 29a).

1. Cristo, modelo de castidade

“Todo batizado é chamado a levar uma vida casta, cada um segundo o seu próprio estado de vida” (CIC, nº 2394). O Evangelho mostra como Jesus viveu a castidade: um amor por todos, sem exclusão, próximo, livre, totalmente doado: *“Jesus, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”* (cf. Jo 13, 1).

Cristo é o modelo de castidade. Qualquer que seja a pessoa encontrada, Jesus não se impõe, não monopoliza, não coíbe e não invade o universo interior do outro, mas, dá espaço e respeita as suas diferenças. Sua relação não é prisioneira. Quando Ele atrai uma pessoa, é para que esta se coloque a serviço do outro, com toda liberdade: *“Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me”* (Lc 9, 23).

As relações de Jesus com os discípulos, com as multidões, com os enfermos, com as pessoas em particular, expressam-se pela simplicidade, bondade e pela arte de suscitar o que há de melhor no coração das pessoas encontradas. A Samaritana, a mulher adúltera e

muitos outros perceberam isto. Eles se sentiram amados, respeitados em sua alteridade e livres para consentir ou não o que Jesus lhes propunha.

É interessante observar que as relações de Jesus são feitas tanto de distâncias quanto de proximidades. Por um lado: *“Que queres de mim, mulher?”* (Jo 2, 4), *“Não me retenhas!”* (Jo 20, 17) e por outro: *“Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido”* (Jo 13, 5), *“Jesus chorou”* (Jo 11, 35). Na noite da última ceia, Jesus expressa em termos profundamente humanos, o sentido de sua presença e de sua missão: *“Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer”* (Lc 22, 15).

Ele demonstra assim que a afetividade tem seu lugar nas relações, na medida que são impregnadas de maturidade e equidade. Jesus convida para a liberdade, para crescer e para amadurecer afetivamente, ou seja, para viver a castidade como Ele mesmo a viveu.

Cristo chamou algumas pessoas para seguir neste caminho de vida. Como discípulos de Cristo, São Vicente e Santa Luísa compreenderam que entregar-se inteiramente a Deus para servi-Lo nos pobres requer viver a castidade. Uma pessoa casta é livre tanto no corpo como no espírito, desprendida dos seus projetos pessoais, da imagem que quer revelar de si mesma, de todos os ídolos que a tornam escrava.

2. A castidade, resposta a um dom de Deus

Deus chama gratuitamente e espera uma resposta generosa e livre. É uma escolha a ser feita, pois, falar sobre a castidade, significa também falar sobre a liberdade na resposta.

Efetivamente, trata-se de tomar a decisão de se comprometer ou não, no seguimento de Cristo e de participar do seu Mistério Pascal, mistério de morte e de vida, que nos revelou seu grande amor. “O

amor que o Senhor espera de nós através da nossa castidade, não é um amor sem luta ou sem fraquezas, mas um amor que aceita crescer através das provações que purificam” (Mère Rogé, 2 de fevereiro de 1977).

“Vivem, no reconhecimento e na alegria, a castidade, fonte de fecundidade espiritual e sinal da aliança entre Deus e seu povo” (C. 29b).

A castidade é fonte de fecundidade espiritual: *“Fui eu que vos escolhi... para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça”* (Jo 15, 16). Jesus exorta seus discípulos a produzir frutos. Esta fecundidade é espiritual pois, é a expressão da presença de Deus no mundo.

Ora, para produzir frutos, é preciso uma boa terra, uma terra acolhedora, livre de tudo o que pode ser prejudicial. Para que a castidade seja fonte de fecundidade espiritual é preciso desapegar-se tanto dos bens materiais quanto dos relacionais. Eles liberam espaços para crescer na relação pessoal com o Cristo e no dom de si mesma aos outros.

Sinal de aliança entre Deus e o seu povo: A aliança é a expressão da fidelidade de Deus para com o seu povo e a resposta fiel do povo escolhido ao seu Deus: *“Eu te desposarei com fidelidade”* (Os 2, 22).

A castidade, sinal desta aliança entre Deus e o seu povo, expressa a pertença a Jesus Cristo. Ela está no âmago do dom total e engloba todas as dimensões da pessoa. Ela liberta das relações exclusivas, dos interesses pessoais, da dispersão no que é secundário e testemunha que Deus pode satisfazer toda uma vida.

A liberdade interior, a paz, a alegria e a gratidão são marcas de um amor casto, vivido na total entrega aos outros.

B. O voto de castidade

“As Filhas da Caridade comprometem-se por voto com a vida de castidade no celibato em vista do Reino” (C. 29a).

1. A virtude da castidade

A castidade é uma virtude que se adquire progressivamente. O Catecismo da Igreja Católica fala de *“aprendizagem do domínio de si”* (CIC, nº 2339) e que *“nunca poderá considerar-se total e definitivamente adquirido”* (CIC, nº 2342). No entanto, ela é acessível a todo homem e a toda mulher de boa vontade, na vida consagrada, no matrimônio, no celibato.

A castidade significa escolher viver a sexualidade, os desejos e as carências de uma maneira libertadora e feliz nos relacionamentos com os outros e consigo, em coerência com os seus compromissos.

Visto que a castidade é um caminho de humanização e de desenvolvimento da pessoa, ela não é um obstáculo para o encontro, mas, o contrário, para uma adequada relação com Deus, consigo e com os outros.

Com Deus: Deixar-se amar por Ele, e amá-Lo *“de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força”* (cf. Mc 12, 30) e fazer com que se torne progressivamente o centro de sua vida. Significa também ter com Ele uma relação gratuita, por amor, sem nada esperar em troca.

Consigno: Acolher seus dons, suas imperfeições e seus limites. Isto quer dizer renunciar ao poder absoluto, avançar no caminho de conversão, aprender a sair de si mesma, conservar uma boa distância com suas emoções, não se deixar invadir por elas, porém, integrá-las gradualmente.

Com os outros: a castidade é uma virtude que regula e harmoniza as relações entre as pessoas, especialmente nas relações afetivas de amor ou amizade. Esta virtude ajuda-nos a considerar cada pessoa que encontramos como alguém que não podemos nos apropriar. Significa considerar a pessoa como um ser único, dotada de liberdade e não como um objeto, como uma coisa a utilizar para o próprio prazer ou proveito pessoal.

Uma relação casta é aquela que respeita a diferença, qualquer que seja o estado de vida da pessoa. Significa renunciar que o outro seja o tudo para nós e que sejamos o tudo para o outro. É a recusa da fusão e da confusão para então encontrar a alegria de uma real comunicação.

2. O voto de castidade no celibato

A castidade no celibato é uma das novidades trazidas pelo Evangelho e pelo cristianismo.

Pelo voto, as Filhas da Caridade se comprometem em praticar a virtude da castidade no celibato. Isto implica renunciar o casamento e qualquer tipo de prazer sexual. Não se trata em nenhum dos casos de uma depreciação do corpo, porém da escolha de uma total entrega ao serviço de Cristo nos pobres. “Inteira”, ou seja, seguir o Cristo com todo o seu ser, sua história e seu corpo. O voto de castidade no celibato requer o consentimento de sua personalidade, sua feminilidade, seus dons e limitações.

O voto de castidade não significa “menos” amor, ele é “mais” amor, pois é uma abertura a todos os demais sem exclusividade: *“dom que liberta seu coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo” (C. 29a).*

A castidade no celibato vivenciada no mundo é uma maneira de viver o encontro com os outros, com as pessoas pobres, com as Irmãs e com todos aqueles e aquelas que fazem parte da vida diária, impregnado

do mesmo amor com o qual Jesus amou os seus. *“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”* (Jo 15, 12).

Esta maneira de viver, livremente escolhida, em nome do Reino de Deus, é um sinal profético e testemunha o espírito das Bem-aventuranças.

3. A castidade ao serviço da caridade

A castidade... *“por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres”* (C. 29a).

Longe de ser uma norma a ser aplicada ou um fechamento em si mesma, o voto de castidade permite às Filhas da Caridade viver no mundo como pessoas livres e prontas para amar mais e melhor. Ele é *“abertura e presença no mundo”* (C. 29b).

A Filha da Caridade deseja dilatar o seu amor às dimensões do amor de Cristo, e a seu exemplo, consagrar seu tempo, todas as suas energias físicas, espirituais ou afetivas no serviço aos outros.

Para viver seu serviço de maneira casta, a Filha da Caridade aprende através da experiência, da releitura de vida e da oração, a considerar toda pessoa em situação de pobreza como um irmão e uma irmã, a reconhecer neles a capacidade de serem agentes da própria promoção e a escutá-los antes de agir, como nos ensinou Jesus.

Estas características da castidade são as da Filha da Caridade que não monopoliza os pobres, mas, olha para eles como dignos filhos de Deus.

C. Por uma fidelidade sempre renovada

As Filhas da Caridade acolhem na fé este dom de Deus que elas estão sempre descobrindo e produzindo frutos. Este caminho é um longo

processo, às vezes, um combate, para que a castidade se torne gradativamente fonte de alegria, de paz e de estabilidade interior.

Viver a castidade no contexto atual, marcado pela cultura do prazer imediato, do consumismo e, em algumas sociedades, pela ignorância do Evangelho, constitui um real desafio.

Isto exige das Irmãs um verdadeiro conhecimento de si mesmas, um crescimento humano e espiritual.

Para este progresso algumas condições são vitais:

1. Uma interioridade a cultivar

A castidade se compreende na fé. A contemplação de Cristo torna possível viver este dom total e generoso como Ele mesmo o viveu: na sua divindade através da relação com o Pai e na sua humanidade pela relação com o mundo.

“Por causa de Deus, por Deus e por seu amor nós a abraçamos (a castidade) a exemplo de Cristo” (Mère Guillemin, 2 de fevereiro de 1966).

Para permanecer fiel ao voto de castidade, cada dia deve ser entregue ao Senhor através da oração, da Eucaristia, da meditação da Palavra de Deus. Então, os medos e as dificuldades são atenuados. Trata-se de manter uma relação pessoal com Cristo, refletir serenamente, dedicar tempo, pedir ajuda, continuar a rezar.

O sacramento da Reconciliação ajuda a cultivar esta interioridade para aprofundar sua relação com Cristo.

2. Um equilíbrio afetivo, um equilíbrio de vida

A maturidade humana é primordial para avançar no caminho da castidade. Ela se traduz, especialmente, pelo equilíbrio afetivo e de vida, que são adquiridos pouco a pouco, com momentos de progressão e regressão. Por definição, qualquer equilíbrio é instável e, para atingi-lo, deve-se reajustá-lo ao longo da vida.

Os desejos, as emoções são sentimentos naturais. Não se deve estranhar ou temer estes momentos interiores, pelo contrário, deve-se reconhecê-los e procurar integrá-los sem deixar-se submergir por eles.

A vida cotidiana (oração, serviço e vida comunitária) é organizada de modo a ser um real apoio para viver livremente e com alegria a castidade. É importante prever igualmente tempos suficientes de repouso, de lazer em comum, de silêncio e de solidão.

A dispersão e o ativismo, que podem ser uma fuga da vida comunitária, são riscos comuns. Se o engajamento apostólico se torna excessivo e único centro de interesse pode provocar o esgotamento e a perda progressiva do sentido dado à vocação e, particularmente, ao voto de castidade.

Porém, é preciso ter consciência que em certos momentos da vida, viver este voto pode se tornar mais difícil. Isto se traduz, por exemplo, através de sentimentos de carência afetiva, do despertar de uma paixão, de questionamentos sobre a vocação e dúvidas sobre a fé.

A comunicação aberta com a Irmã Servente, o acompanhamento espiritual são os meios para discernir juntas a origem desta dificuldade e superá-la.

Para apoiar este caminho de equilíbrio propício à castidade, a Companhia propõe igualmente outros meios.

- A fraternidade na Comunidade

A vida fraterna é um apoio essencial para viver a castidade. Ela se fundamenta nas relações interpessoais na liberdade, na amizade e no perdão.

Na medida em que o clima comunitário é alegre, descontraído e onde a palavra se partilha na confiança, a vida fraterna ajuda a viver a

castidade e a castidade fortalece a vida fraterna. A qualidade da vida em Comunidade depende de cada uma pessoalmente.

A vida em comunidade é antes de tudo uma realidade de fé que deve ser construída dia após dia, zelando prioritariamente pela qualidade das relações interpessoais entre todas. A amizade é boa na medida em que não cria dependência afetiva e favorece o clima fraterno de toda a comunidade.

A comunidade é um lugar privilegiado de formação e de revigoramento. Ela favorece o crescimento em vista de uma maior maturidade humana e espiritual.

Deve-se simplesmente reconhecer que a castidade *“exige a superação de uma certa solidão do coração”* (C. 29b).

A solidão é uma realidade inevitável, mesmo em comunidade, pois, ela faz parte da condição humana. A outra permanecerá sempre um mistério, visto que cada uma é única, à imagem da Trindade, modelo da vida comunitária. Se a solidão é mal compreendida, corre o risco de se transformar em um sentimento de isolamento, que pode conduzir ao fechamento em si mesma e a se desinteressar pela vida dos outros.

Ora, aprender a viver a solidão, na paz, faz bem, pois, ela é também sinônimo de calma e de revitalização.

- Um caminho de humildade

A castidade compromete a Filha da Caridade no caminho da humildade para conduzi-la incessantemente a sua humanidade com seus limites e complexidades. O dom da castidade é um *“tesouro que carregamos em vasos de argila”* (cf. 2 Cor 4,7); por isso é importante cuidar dele como algo bastante precioso.

Ter consciência dos seus limites permite assumir sua condição de criatura amada de Deus, de fazer e refazer lucidamente, a escolha da castidade a partir desta realidade e não de uma imagem idealizada de si.

Neste sentido, a humildade é uma virtude necessária para viver a castidade, ela é também uma marca daquelas que desejam vivê-la.

“A humildade é um meio muito excelente para se adquirir e conservar a castidade” (Obras completas, SV, XI, 173).

- A ascese, um caminho para encontrar Deus

“A íntima união com Cristo, fortificada... pela oração e a ascese garante-lhes fidelidade” (C. 29d).

A ascese tem por objetivo libertar, deixar mais espaço para Deus. É um processo de organização tanto material quanto mental ou dos desejos demasiadamente presentes. É uma exigência e não um fardo.

Para integrar a ascese como um meio de libertação, é necessário uma atenção aos movimentos do coração e de tudo o que acontece no interior de si mesma, ao que a invade e a deixa insatisfeita.

Trata-se de não se deixar dominar, sem cair na perigosa ilusão de que é possível tudo controlar.

3. Abertura ao acompanhamento e ao discernimento

O acompanhamento e o discernimento são sustentáculos que ajudam a viver de maneira coerente e feliz o voto de castidade.

O diálogo, a comunicação e a abertura do coração com aqueles que, na Companhia, têm a missão de guiar e de aconselhar, fortalecem a fidelidade à vocação. As Irmãs dirigem-se às pessoas que conhecem o espírito da Companhia, para o acompanhamento e a direção

espiritual, de preferência Padres da Congregação da Missão e Filhas da Caridade (cf. C. 20b).

O acompanhamento permite o crescimento na humildade, no espírito de fé, na confiança. Ele aprimora o conhecimento de si mesma, ilumina o modo de agir e faz reencontrar, quando necessário, a liberdade interior, a paz e a alegria.

“Desejosas de conversão, diariamente, num momento previsto no Projeto Comunitário, examinam sua vida para descobrir a ação do Espírito, agradecer a Deus e verificar sua fidelidade” (E. 4).

O discernimento é fundamental, sempre que houver uma escolha a ser feita, quanto a maneira de ser na comunidade, no serviço, com as pessoas e no que é útil e necessário para melhor servir os pobres.

A formação da consciência é necessária. Ela permite um discernimento mais profundo, uma maior fidelidade a Deus.

No que se refere aos meios de comunicação, é necessário efetuar um verdadeiro discernimento com base nos critérios humanos e evangélicos para não se perder ou cair nas armadilhas desta nova era tecnológica.

Para ir mais longe

1. Como Jesus viveu a castidade?
2. *“Todo batizado é chamado a levar uma vida casta, cada um segundo o seu próprio estado de vida”* (CIC nº 2394). Como Filha da Caridade, o que esta afirmação significa para mim?
3. O autodomínio, fruto do espírito, é um dos componentes da castidade. Como vivê-lo para atingir uma maior liberdade interior? Como relacionar o autodomínio e a caridade?
4. Como o voto de castidade enriquece a maneira de viver o serviço dos pobres?
5. Como a vida fraterna em comunidade favorece a vivência do voto de castidade? Qual é a minha participação para favorecer um clima de fraternidade e ajuda mútua?
6. Alguma vez tive receios sobre as renúncias que a castidade implica? Posso identificá-las e encontrar a causa? Qual é a minha reação diante de uma dificuldade nesta questão? Quais são os meios para ajudar-me a superá-las? Com quem posso falar sobre o assunto?
7. Tenho consciência de que os novos meios de comunicação podem me ajudar ou, pelo contrário, tornar-se obstáculo para viver a castidade? Como? Quais são as implicações práticas?

Para aprofundar

- **Código de Direito Canônico (CDC)**

O conselho evangélico de castidade assumido por causa do Reino dos céus, que é sinal do mundo futuro e fonte de fecundidade mais abundante no coração indiviso, importa a obrigação da continência perfeita no celibato (cân. 599).

- **Textos do Concílio Vaticano II**

A castidade “por amor do reino dos céus” (...), deve ser tida como exímio dom da graça. Liberta de modo singular o coração do homem para que mais se acenda na caridade para com Deus e para com todos os homens (Perfectae caritatis, nº 12).

A castidade perfeita se torna assim um “sinal e incentivo do amor e ainda como fonte privilegiada de fecundidade espiritual no mundo” (cf. Lumen gentium, nº 42).

- **Catecismo da Igreja Católica (CIC)**

A caridade é a forma de todas as virtudes. Sob a sua influência, a castidade aparece como uma escola de doação da pessoa. O domínio de si ordena-se para o dom de si. A castidade leva quem a pratica a tornar-se, junto do próximo, testemunha da fidelidade e da ternura de Deus (CIC, nº 2346).

Outras referências: nº 2337-2359

- **Exortação apostólica Vita consecrata**

É preciso que a vida consagrada apresente ao mundo de hoje exemplos de uma castidade vivida por homens e mulheres que

demonstram equilíbrio, domínio de si, espírito de iniciativa, maturidade psicológica e afetiva. Graças a este testemunho, é oferecido ao amor humano um ponto de referência seguro, que a pessoa consagrada encontra na contemplação do amor trinitário, que nos foi revelado em Cristo. Precisamente porque imersa neste mistério, ela sente-se capaz de um amor radical e universal, que lhe dá a força para o domínio de si e a disciplina necessária para não cair na escravidão dos sentidos e dos instintos. A castidade consagrada apresenta-se assim como experiência de alegria e de liberdade. Iluminada pela fé no Senhor ressuscitado e pela esperança dos novos céus e da nova terra, ela oferece também preciosos estímulos para a educação da castidade obrigatória nos outros estados de vida (nº 88).

- **Discurso às religiosas participantes na Assembleia plenária da União Internacional das Superiores gerais- UISG (Papa Francisco, 8 de maio de 2013)**

A castidade pelo Reino dos Céus mostra como a afetividade tem o seu lugar na liberdade madura e se torna um sinal do mundo futuro, para fazer resplandecer sempre a primazia de Deus. Mas, por favor, uma castidade “fecunda”, que gera filhos espirituais na Igreja. A consagrada é mãe, deve ser mãe e não “solteirona”! Desculpai-me se falo deste modo, mas esta maternidade da vida consagrada, esta fecundidade, é importante! Esta alegria da fecundidade espiritual anime a vossa existência; sede mães, como figura de Maria Mãe e da Igreja Mãe. Não se pode compreender Maria sem a sua maternidade, não se pode entender a Igreja sem a sua maternidade e vós sois ícones de Maria e da Igreja.

- **Instrução sobre os votos**

Textos dos Fundadores: p. 170-177

Capítulo 5 - Pobreza

Ao entrar na Companhia, as Filhas da Caridade escolhem viver a pobreza interior e exterior, conforme a sua vocação de serva de Cristo nos pobres.

“Quem desejará ser rico depois do Filho de Deus ter escolhido ser pobre!... Minhas filhas, vós o escolhestes desde que entrastes na Companhia; vós lhe destes vossa palavra e, como Ele assumiu uma vida pobre, é necessário imitá-lo nisto” (SV, conf. de 20 de agosto de 1656, p. 596 e 599).

Aos olhos dos Fundadores, a perseverança na vocação está relacionada à prática da pobreza. Santa Luísa *“sempre considerou que a felicidade da Companhia consistia na pobreza”* (SV, conf. de 3 de julho de 1660, p. 910), e São Vicente afirmou *“que a pobreza é a base e o fundamento que a sustenta”* (SV, conf. de 20 de agosto de 1656, p. 605).

Para viver a pobreza, as Filhas da Caridade escolhem livremente nada possuir, colocar tudo em comum, **como seguidoras de Cristo**, comprometer-se a isto pelo **voto de pobreza** e buscar meios para perseverar em uma **fidelidade sempre renovada**.

A. No seguimento de Cristo

1. A pobreza a exemplo do Filho de Deus

“O Filho de Deus assumiu a pobreza em espírito de abandono ao Pai, e como sinal de sua missão no mundo” (C. 30a).

As Filhas da Caridade vivem a pobreza evangélica a exemplo de Jesus Cristo que participou da vida de todos, especialmente da vida dos pobres. Ao longo da sua vida pública, estendeu a mão às pessoas que sofriam de precariedade, rejeição, enfermidades... fez-se um com

eles, foi ao encontro deles, comeu com eles, viveu simplesmente as alegrias da vida cotidiana e estabeleceu relações de fraternidade.

Ele nada possuía de próprio, o que lhe permitiu viver inteiramente livre de todo tipo de apego.

“As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20).

A característica mais importante de Jesus, na sua maneira de viver a pobreza, é o seu espírito de abandono, a dependência ao Pai e a sua fidelidade a missão confiada.

Embora sendo Deus, assumiu inteiramente em sua Encarnação esta última forma de pobreza que expressou durante a sua morte na Cruz: *“Pai em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46).*

A seu exemplo as Filhas da Caridade aprendem a viver na dependência e a colocar livremente a sua vida nas mãos de Deus.

“... bem-aventuradas as Filhas da Caridade que escolheram um modo de vida que tem por fim principal a imitação da vida do Filho de Deus, o qual, podendo possuir todos os tesouros do mundo, desprezou-os e viveu tão pobremente que não tinha uma pedra para repousar a cabeça” (SV, conf. de 20 de agosto de 1656 p. 597).

2. A pobreza evangélica

“Preocupadas em partilhar a vida dos pobres, esforçam-se por se converter cada dia à pobreza evangélica, tal como a viveram os Fundadores” (C. 30b).

O exemplo de Jesus e da vida dos pobres levam as Filhas da Caridade a buscar uma pobreza de coração cada vez mais efetiva. De fato, a pobreza não se refere somente aos bens materiais. A pobreza evangélica toca o “ser” da Filha da Caridade. Ela evoca a primeira das Bem-aventuranças: *“Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20).*

Trata-se de ter um coração pobre, aberto aos outros, aberto a Palavra de Deus, livre e simples para amar.

“Esta pobreza encontra sua plenitude na pobreza do coração... A pobreza do coração, abertura ao Espírito, dispõe a alma ao amor universal” (C. 30a).

Viver a pobreza evangélica é um caminho, uma conversão progressiva, que permite desprender-se não somente dos bens materiais, mas também da preocupação excessiva de si mesma, da autossuficiência que impede de ir ao encontro dos outros e compartilhar realmente da vida dos pobres. É uma simplificação da maneira de ser, de habitar, de acolher e de viver as relações em comunidade e com as pessoas externas e, um testemunho que torna visível a simplicidade de acordo com o Evangelho.

Viver a pobreza evangélica significa também estar livre das riquezas que podem escravizar o coração. *“Falo assim não por causa das privações, pois aprendi a adaptar-me às necessidades; sei viver modestamente, e sei também como haver-me na abundância; estou acostumado com toda e qualquer situação: viver saciado e passar fome; ter abundância e sofrer necessidade” (Fl 4, 11-12).*

Viver a pobreza evangélica é “abandonar-se” em Deus, confiar Nele para deixá-Lo agir.

B. O voto de pobreza

“Pelo voto de pobreza, comprometem-se à total dependência para usar e dispor dos bens da Companhia assim como no uso de seus bens pessoais” (C. 30a).

1. O voto

- Uma total dependência no uso e na disposição dos bens da Companhia.

“São corresponsáveis na administração e utilização destes bens, sob a dependência dos Superiores e de acordo com o espírito da Companhia” (C. 30c).

Os bens pertencem à Companhia, que tem o dever de administrá-los para o serviço dos pobres. Nenhuma Irmã pode pessoalmente considerar-se proprietária destes bens, nem de fato, nem de espírito.

São Vicente explica isto concretamente:

“Não terão nada seu; terão tudo em comum... Não é permitido dispor dos bens da comunidade, nem dos próprios bens; pois nada possuiis nem deveis possuir coisa alguma sem licença dos Superiores” (SV, conf. de 20 de agosto de 1656 p. 596 e 598).

A corresponsabilidade e a dependência são lembradas simultaneamente nas Constituições, no que se refere a pobreza. De fato, a corresponsabilidade não dispensa a dependência.

As Irmãs, as Comunidades, as Províncias são efetivamente responsáveis pela boa gestão, mas devem informar, prestar contas em todos os níveis, bem como solicitar autorizações de despesas de acordo com os montantes estabelecidos.

As Constituições e Estatutos enumeram, em termos muito concretos, diferentes situações que expressam esta dependência. Por exemplo: todos os salários, indenizações, aposentadorias ou pensões por invalidez são revertidos na sua totalidade numa conta comunitária, como as primeiras comunidades cristãs, que colocavam tudo em comum (cf. C. 30c).

As doações recebidas pessoalmente, enquanto membros da Companhia, também devem ser colocadas a disposição da Comunidade ou da Província (cf. E. 16b).

Cada Irmã deve prestar contas respectivamente à Irmã Servente, a Irmã Servente à Visitadora, a Visitadora ao seu Conselho, e a Visitadora com seu Conselho ao Conselho geral.

Esta é a maneira de proceder das Filhas da Caridade, de acordo com o voto. Ele implica a dependência e a aquisição de um estado de espírito para realizar todo este processo na fé, no diálogo, no desprendimento, na generosidade e na confiança.

“Em espírito evangélico de desprendimento, as Irmãs não agem como proprietárias e ‘evitam qualquer luxo, qualquer lucro imoderado ou acúmulo de bens’, assim como ‘todo supérfluo’” (C. 88b).

- Uma total dependência no uso dos bens pessoais.

Os bens pessoais incluem heranças, rendimentos imobiliários, certas rendas ou pensões, doações recebidas como pessoa física... (cf. Instrução sobre os votos p. 74-78).

“Com autorização da autoridade competente, utilizam as rendas que obtêm no que se convencionou chamar de ‘obras pias’” (C. 30d).

As autoridades competentes nesta área são a Irmã Servente ou o Diretor provincial, de acordo com os montantes estabelecidos na Província (C. 30d).

O léxico das Constituições dá a definição das obras pias: *“despesas realizadas com finalidade caritativa ou de piedade”*.

2. Escolher a pobreza para melhor partilhar

- Uma maneira de viver

“As Irmãs optam por um estilo de vida sóbrio e simples. Com uma grande confiança na divina Providência, contentam-se em fazer as despesas necessárias às atividades apostólicas e à sua vida de servas” (C. 30b).

“A pobreza teórica é inútil. Aprendemos a pobreza se tocarmos a carne de Cristo pobre, nos humildes, nos doentes, nos pobres e nas crianças” (Papa Francisco às Superiores maiores, 8 de maio de 2013).

Os Fundadores insistiam com frequência às primeiras Filhas da Caridade sobre a importância de um estilo de vida pobre, ao ponto de Santa Luísa afirmar que: *“para continuar a existir, a Companhia tem de em tudo mostrar-se pobre e humilde”* (SL, C. 530, p. 574).

É da responsabilidade de cada Irmã participar do estilo de vida da Comunidade. No entanto, as decisões que lhe dizem respeito são tomadas após um discernimento comunitário, onde cada uma se esforça para ouvir os diferentes pontos de vista. Às vezes, é preciso tempo para chegar a um consenso e tomar uma decisão.

O importante é se questionar a partir da mensagem evangélica e, em particular, no que consiste a partilha e a solidariedade, tendo como consequência viver uma adequada sobriedade.

São Vicente insistiu muito sobre esta noção: *“... Ó minhas Filhas, como a sobriedade é necessária às Filhas da Caridade! E conhecereis se o sois verdadeiramente, se conservardes esta sobriedade das meninas da aldeia e particularmente das que desde o princípio foram chamadas a servir os pobres, porque essas viviam com grande sobriedade”* (SV, conf. 25 de janeiro de 1643, p. 54).

Um estilo de vida sóbrio e simples aproxima-se o máximo possível do modo de vida das famílias pobres que estão próximas da comunidade. Por esta razão, devemos nos perguntar regularmente o que é de fato necessário para diminuir as distâncias existentes entre um e outro.

São Vicente o traduziu assim: *“Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos”* (SV, conf. de 25 de janeiro de 1643, p. 57).

- Uma maneira de ser

Os pobres são: “nossos Senhores e nossos Mestres”, eles são também irmãos, irmãs, amigos. Para ser verdadeiramente próximas deles, atitudes concretas são necessárias para facilitar os encontros e as relações. Por exemplo: praticar a hospitalidade, aceitar ser incomodada e por vezes importunada em seus costumes, deixar-se evangelizar, acolher as diferenças e finalmente tornar-se disponível.

Estas formas de ser e de agir são decididas comunitariamente para garantir um equilíbrio entre a missão de cada uma e as necessidades de renovação física e espiritual de todas.

Uma maneira de viver pobre e simples é um testemunho credível de fraternidade diante dos nossos irmãos e irmãs.

- A solidariedade

“As Filhas da Caridade veem nos que sofrem, nos que são atingidos em sua dignidade, sua saúde, seus direitos, filhos de Deus, irmãos e irmãs com os quais são solidárias” (C. 16c).

A solidariedade se vive de diferentes maneiras: pela partilha efetiva de recursos, pela renúncia a um certo conforto e ao supérfluo, pela recusa de privilégios e pelo respeito às leis de trabalho.

Ser solidária, significa praticar a justiça e lutar contra as injustiças com todos aqueles que são vítimas delas. *“Estamos todos ligados uns aos outros, tanto no mal como no bem... (a solidariedade) significa muito mais do que algumas ações esporádicas de generosidade. Não é apenas questão de ajudar os outros (...) trata-se de justiça”* (Papa Francisco, Audiência geral de 2 de setembro de 2020).

De acordo com o Evangelho e com a vocação, viver em solidariedade com os pobres é uma necessidade e uma exigência. A Igreja ensina

isso desde as suas origens até os dias atuais. A solidariedade é um dos princípios da doutrina social da Igreja.

“A solidariedade é também uma verdadeira e própria virtude moral, não ‘um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos’ (João Paulo II, Sollicitudo rei sociales, nº 38)” (Compêndio da Doutrina Social da Igreja, nº 193).

- A prática de pedir e de prestar contas

A pobreza das Filhas da Caridade se caracteriza pela dependência que é concretizada pela prática de pedir permissão e de prestar contas. Esta prática é assumida, não somente porque as Constituições a exigem, mas também por convicção de fé, na transparência e verdadeira responsabilidade. É um processo que revela maturidade e lealdade e faz com que se esteja pronta a acolher qualquer resposta. Esta disposição de espírito dá à Filha da Caridade um sentimento de paz e de liberdade interior.

É também um dos meios para estar próxima das pessoas pobres que vivem constantemente a dependência, a espera e a impossibilidade de agir com autonomia em muitas situações.

C. Por uma fidelidade sempre renovada

A fidelidade ao voto de pobreza só pode ser considerada vivendo-o nas pegadas de Cristo, por amor e em solidariedade com aqueles que vivem na pobreza imposta e pela qual tudo deve ser feito para que ela desapareça.

Os alicerces para perseverar são: o desejo de viver a pobreza evangélica, uma vida simplificada pelo Evangelho e colocar em prática as revisões pessoais e comunitárias.

1. O desejo de viver a pobreza evangélica

O desejo profundo de estar em conformidade com Cristo é fundamental. Ele é a força motriz pela qual o espírito de pobreza se traduz progressivamente em atitudes, na maneira de ser na vida espiritual, comunitária e de serviço.

“A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos” (Laudato si, nº 222).

É na vida de oração que as Filhas da Caridade pedem a Deus para que mantenham este desejo, afim de que a pobreza se torne efetiva na sua vida.

“Todo futuro da Companhia depende da forma que ela compreenderá e viverá o mistério da pobreza... O amor pela pobreza, a inteligência da pobreza, o gosto e a força para praticá-la, não podem vir senão da contemplação do Cristo pobre” (cf. Mère Suzanne Guillemin, 02 de fevereiro de 1965).

2. Uma vida simplificada pelo Evangelho

Uma vida simplificada pelo Evangelho se traduz por uma maneira de ser e de agir humilde, autêntica e alegre. As Filhas da Caridade a isto se comprometem fazendo a escolha de viver a pobreza.

É um caminho que necessita de uma verdadeira dinâmica de conversão. Trata-se de deixar-se transformar pelo Espírito. A caridade espiritual é um dos meios que pode ajudar a avançar neste sentido (cf. C. 32b).

Concretamente, uma Filha da Caridade deseja pouco a pouco desapegar-se dos bens materiais, ter uma maior preocupação com o bem comum, utilizar com discernimento os meios de comunicação, participar da elaboração do orçamento comunitário e ter um estilo de vida realmente simples.

As virtudes recomendadas pelos Fundadores apoiam este processo de simplificação: a humildade para reconhecer suas incoerências, a simplicidade para ousar falar sobre elas e obter ajuda. Assim, a pobreza torna-se um ato de caridade e de solidariedade com aqueles que estão em condições desumanas, que passam por sofrimentos morais e tantos outros.

Vivida gradativamente, na confiança, a pobreza de uma vida simplificada pelo Evangelho é um caminho de liberdade interior e de crescimento espiritual.

3. As revisões pessoais e comunitárias

“As Irmãs fazem frequentemente uma revisão pessoal e comunitária sobre o uso dos bens e recursos da terra, seu estilo de vida e seus deveres de justiça e de caridade e para discernir suas verdadeiras necessidades” (E. 16a).

Para que todos estes aspectos (uso dos bens e dos recursos da terra, estilo de vida, deveres de justiça e de caridade) permaneçam como sinais de atenção na Comunidade, é necessário revisá-los regularmente na oração e na reflexão.

As revisões comunitárias em relação a pobreza, concernem tanto os bens materiais do cotidiano, móveis e imóveis, quanto a maneira de viver as relações, a caridade na justiça, a partilha entre as Irmãs e com as pessoas externas.

Esses momentos de releitura, à luz do Evangelho, da doutrina social da Igreja e das Constituições, permitem recobrar as forças e a coragem para *“corrigir o que está errado”*, ou seja, o que poderia estar em contradição com o ideal de pobreza escolhido.

Para ir mais longe

1. Como Jesus viveu a pobreza?
2. No cotidiano, como viver a pobreza de coração? Quais são as atitudes necessárias?
3. Como a consciência da minha própria pobreza, transforma a minha relação com os outros?
4. A precariedade das pessoas com as quais encontro provoca em mim uma confrontação de suas vidas com a minha, muitas vezes rodeada de segurança e conforto. A partir desta constatação, o que posso mudar no meu estilo de vida?
5. Laudato si é um apelo à múltiplas conversões porque “tudo está interligado”. Quais compromissos pessoais e comunitários são necessários para estar próxima dos pobres, cuidar da criação, cuidar das relações?
6. A dependência é um aspecto incontornável do voto de pobreza. Qual é a relação entre esta exigência e o espírito de pobreza?

Para aprofundar

- **Código de Direito Canônico**

O conselho evangélico de pobreza à imitação de Cristo, que sendo rico, por nossa causa se tornou pobre, para além de uma vida pobre na realidade e em espírito, laboriosamente vivida em sobriedade e alheia à riqueza da terra, importa a dependência e limitação no uso e disposição dos bens segundo as normas do direito próprio de cada instituto (cân 600).

- **Textos do Concílio Vaticano II**

O espírito de pobreza e de caridade são a glória e o testemunho da Igreja de Cristo (*Gaudium et Spes*, nº 88).

Por ela (a pobreza) é participada a pobreza de Cristo, que sendo rico, por nosso amor se fez pobre, para que nós fôssemos ricos da sua pobreza (*Perfectae caritatis*, nº 13).

- **Catecismo da Igreja Católica - CIC**

A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha. Ela convida a comunicar e a partilhar os bens materiais e espirituais, não por coação, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie às necessidades dos outros (CIC, nº 2833).

- **Encíclica *Laudato si***

É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas,

na música e na arte, no contato com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece (nº 223).

- **Exortação Apostólica** Querida Amazônia

O Senhor, que primeiro cuida de nós, ensina-nos a cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do ambiente que Ele nos oferece a cada dia. Esta é a primeira ecologia que precisamos (nº 41).

- **Orientações** Economia ao serviço do carisma e da missão (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 2018)

Há que respeitar sempre as leis civis. Especial atenção deve dar-se à forma de tratar os trabalhadores e trabalhadoras, com os quais se deve observar cuidadosamente as leis relativas ao trabalho e à vida social, segundo os princípios da doutrina social da Igreja (nº 92).

- **Instrução sobre os votos**

Textos para o uso e a disposição dos bens da Companhia e dos bens pessoais, p. 71-78

Textos dos Fundadores: p. 177-183

Capítulo 6 - Obediência

“Hoje compete falar da virtude da santa obediência, a virtude de Nosso Senhor, a própria virtude do nosso Salvador, porque a praticou toda a Sua vida até a morte” (SV, conf. de 23 de maio de 1655, p. 514).

A obediência faz parte da condição comum de todos os batizados, pois trata-se de uma obediência à Vontade de Deus.

Esta obediência é a mesma de todos os homens de fé: Abraão, Moisés, Samuel... como também a de Maria: *“Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1, 38); e é a própria obediência de Jesus ao Pai: *“Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra”* (Jo 4, 34).

No entanto, na maioria dos países, a obediência é desvalorizada e frequentemente vista como alienação, ou melhor, como uma forma de desobrigação. É certo que a obediência entra em contradição com as correntes da cultura atual que insiste sobre o direito do indivíduo de decidir tudo sozinho sem referência a uma instituição, como a Igreja por exemplo, ou a uma norma exterior a pessoa.

Desde as origens da Companhia, São Vicente e Santa Luísa pediram as primeiras Irmãs uma disponibilidade incondicional, inseparável da obediência.

Para viver a obediência, as Filhas da Caridade fazem livremente a escolha de estar disponível para cumprir a vontade de Deus **no seguimento de Cristo**, de se comprometer **pelo voto de obediência** para adquirir os meios de perseverar numa **fidelidade sempre renovada**.

A. No seguimento de Cristo

“Toda obediência na fé reproduz a atitude do Filho que, para realizar o desígnio de amor do Pai, fez-se obediente até a morte e a morte de cruz” (C. 31a).

1. A obediência de Jesus

O voto de obediência só pode ser compreendido a partir de um olhar de fé voltado para Jesus, que foi obediente durante toda a sua vida.

O Evangelho revela a maneira como Ele viveu a obediência: na busca da vontade do Pai e no desejo de cumprir o seu desígnio de amor.

- Buscar a vontade do Pai

Jesus sempre desejou conhecer e cumprir a vontade do Pai. Esta foi uma prioridade na sua vida que Ele aprendeu: *“Embora fosse Filho, aprendeu, pelo sofrimento, a obediência”* (Hb 5, 8).

Por isso, Ele recorreu à Escritura. Na Sinagoga leu, no texto de Isaías, as grandes características da sua missão (cf. Lc 4, 17-20).

Ele buscou estar de acordo com a vontade do Pai e, assim, antes de qualquer decisão em relação a sua missão, rezava com confiança: *“Naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus”* (Lc 6, 12).

Às vezes, hesitava, mas, em seguida se restabelecia: *“Abba! Ó Pai! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres”* (Mc 14, 36).

A Escritura, a oração, a atenção às pessoas e aos acontecimentos marcaram o caminho de Jesus para descobrir a Vontade do Pai.

- Cumprir seu desígnio de amor

A obediência de Jesus se situa antes de tudo na perspectiva do amor filial. Uma vez que Ele mantém esta relação, descobre aos poucos o projeto do Pai para o qual é chamado e ao qual adere de todo seu coração.

“... mas o mundo saberá que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou” (Jo 14, 31).

Sua obediência não é de forma alguma uma submissão. É o amor e a fé que o fazem obedecer numa total disponibilidade.

“Todas as ações de sua vida, não foram mais de que uma teia de obediência” (Obras completas, SV XII, 434).

2. Entrar na obediência de Cristo

Este é o mesmo caminho que as Filhas da Caridade são convidadas a percorrer. A primeira etapa é a escuta. De fato, a palavra “obediência” vem do latim ob-audire, que quer dizer “escutar”.

Como a vida de Jesus ensina, é através da Escritura, da oração, do discernimento e *“pelo clamor dos pobres, os apelos da Igreja, os sinais dos tempos”* (C. 31b), que as Filhas da Caridade, guiadas pelo Espírito, descobrem gradativamente a Vontade de Deus.

Entrar na obediência de Cristo conduz a uma livre adesão à vontade de Deus e a participar do Mistério Pascal, mistério da morte e da vida. Por vezes, isto requer ir além da própria vontade e do desejo de um projeto pessoal: *“A obediência que as Filhas da Caridade escolheram livremente exige sacrifícios; no entanto, longe de diminuir a dignidade da pessoa, contribui para lhe dar todo valor, ampliando a liberdade dos filhos de Deus”* (C. 31d).

A obediência não é uma aceitação cega, mas uma descoberta e, em seguida uma adesão ao projeto de Deus. De fato, ela implica entrar e acreditar neste projeto.

Avançar no caminho de obediência a Cristo, significa deixar-se configurar pelo Seu mistério: *“Cristo se fez por nós obediente até a morte, e morte na cruz”* (Fl 2, 8).

A obediência das Filhas da Caridade é antes de tudo, uma obediência inspirada no modelo de obediência de Jesus a seu Pai. *“Se me amais, observareis meus mandamentos”* (Jo 14, 15).

É primordial a aprendizagem de um amor que se aprofunda constantemente.

B. O voto de obediência

“As Filhas da Caridade... pelo voto de obediência, comprometem-se a obedecer a seus Superiores segundo as Constituições e Estatutos”
(C. 31a).

1. O voto

Pela fé, as Filhas da Caridade obedecem aos Superiores que têm por missão orientá-las segundo a sua vocação de Servas dos pobres. Orientar significa acompanhar, mostrando-lhes o caminho.

Os Superiores aos quais as Filhas da Caridade se comprometem a obedecer estão indicados nas Constituições 31a.

Buscando juntas a vontade de Deus, as Filhas da Caridade aceitam a decisão final dos Superiores em uma atitude de disponibilidade interior que as torna livres.

Trata-se de conciliar, na fé, a confiança em Deus presente em todos os empreendimentos comuns, para discernir qual é a Sua vontade.

Contudo, obedecer não anula a capacidade de refletir, de tentar compreender, dialogar, sugerir. Num intercâmbio construtivo e aberto, cada uma se dispõe a procurar e acolher os meios para o seu próprio crescimento e o da Comunidade.

A obediência passa por mediações humanas que torna possível o cumprimento da vontade de Deus.

“Autoridade e obediência são vividas como serviço que une todas as Filhas da Caridade num clima de confiança e diálogo. Na fé, as Irmãs obedecem aos Superiores e estes aceitam o dever de orientá-las, de acompanhá-las e de tomar as decisões finais” (C. 31b).

2. Uma vida de obediência para juntas servir

A obediência é um caminho de crescimento pessoal para uma maior liberdade, mas também é um meio de juntas construir a Companhia na comunhão e na unidade.

“A autoridade e a obediência, vividas em corresponsabilidade e subsidiariedade, comprometem-nas a uma busca e a uma aceitação humilde e leal da vontade de Deus, manifestada à Companhia de muitos modos: pelo clamor dos pobres, os apelos da Igreja, os sinais dos tempos, as Constituições e os Estatutos” (C. 31b).

- A obediência em comunidade

A comunidade é um lugar privilegiado para discernir, acolher o projeto de Deus, avançar juntas para uma fraternidade cada vez maior. Toda comunidade procura se colocar nas mãos de Deus, e isto gera relações comunitárias mais fraternas e autênticas. É desta maneira que a obediência se torna comunhão.

“As verdadeiras Filhas da Caridade para cumprirem o que Deus lhes pede, devem ser como uma só... devemos, a fim de assemelhar-nos à Santíssima Trindade, não ser mais que um coração e agir somente com um mesmo espírito, tal como as três Divinas Pessoas” (SL, E. 55 p. 882).

A comunicação com a Irmã Servente é uma ocasião de reler a maneira de viver a obediência no cotidiano e, quando necessário, esclarecer incompreensões, dificuldades, aceitar orientações, sugestões...

Durante os encontros comunitários, cada uma deve comprometer-se a ousar falar, escutar-se mutuamente e esforçar-se para estar sempre aberta a opinião da outra. Ninguém possui toda a verdade e é fundamental acreditar que Deus está também trabalhando na outra.

A humildade é uma virtude inseparável da obediência, uma vez que se trata de aceitar concreta e interiormente, na fé, opiniões diferentes das suas.

“A obediência é filha da humildade” (cf. palavras de Santa Luísa na conf. de SV em 23 de maio de 1655, p. 524)

- Obediência para a missão

A obediência é uma dimensão pessoal, comunitária e missionária que engaja a Companhia no serviço de Cristo nos pobres.

“As Irmãs têm consciência de agir como membros da Companhia e de serem enviadas por ela” (C. 5c).

Nenhuma Filha da Caridade pode ser enviada por si mesma em missão. Cada *envio em missão* é uma graça a ser recebida que torna alguém capaz de todas as audácias, pois, trata-se de uma aceitação enraizada na fé.

“A autoridade é responsável pelas decisões a tomar após busca em comum da vontade de Deus, através do diálogo e do discernimento” (C. 62b).

A obediência para a missão, às vezes, necessita de esforços para aceitar a decisão quando esta não corresponde a sua própria opinião.

É uma ocasião para compreender que a obediência abre sempre portas para projetos missionários imprevistos, que um simples discernimento pessoal não os teria permitido.

“Desde toda a eternidade Deus tinha os seus pensamentos e desígnios sobre vós” (SV. conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 163)

O Projeto comunitário expressa o compromisso de cada uma e da missão comum. Cada Irmã contribui na elaboração deste projeto, assumindo-o e tornando-o seu.

- A obediência na Igreja

As Filhas da Caridade, como todos os fiéis, obedecem ao Soberano pontífice, pois ele é a suprema autoridade da Igreja (cf. CDC cân. 332 e C. 60).

No que diz respeito ao apostolado e a pastoral, as Filhas da Caridade permanecem sob a jurisdição do Bispo (cf. C. 1d).

Na Companhia, existe uma instância de autoridade suprema que é a Assembleia geral (cf. C. 87d e CDC cân. 631).

Viver a obediência na Igreja e na Companhia é um sinal de comunhão que torna visível e credível a participação na construção de um mundo, de acordo com o Evangelho e em conformidade com o nosso carisma.

- A obediência e a disponibilidade

A obediência, como disponibilidade simples e alegre ao Espírito, é uma atitude que precede as orientações concretas da autoridade.

É uma forma de expressar o amor pela Companhia e fortalecer a sua pertença.

Esta disponibilidade requer uma compreensão clara do significado da autoridade, a fim de ter uma atitude para com ela que não seja infantil, nem sistematicamente rebelde, mas adulta, para ousar expressar seu pensamento, estando pronta a acolher outras opiniões.

A maturidade na obediência é determinante. Ela é adquirida progressivamente através dos acontecimentos, do acompanhamento para relê-los e de uma vida de profunda oração.

A maturidade se traduz por uma liberdade interior cada vez maior, uma melhor compreensão do sentido do diálogo, uma aceitação mais serena dos imprevistos.

A corresponsabilidade é uma dimensão que leva em consideração a forma de viver as relações. Fundamenta-se na consciência de pertencer a um corpo que precisa do dinamismo generoso de cada um dos seus membros. Ela se traduz em uma disponibilidade concreta, alicerçada na fé, no amor à vocação e no amor aos pobres.

São Vicente expressou com as palavras de sua época: *“devemos obedecer voluntária, pontual, alegre e prontamente, com discernimento e principalmente para agradar a Deus”* (SV. conf. de junho de 1642, p. 44).

C. Por uma fidelidade sempre renovada

Para viver fielmente a obediência e de maneira sempre renovada, é indispensável ter uma adequada compreensão deste voto, nutrir-se interiormente, aceitar viver o Mistério Pascal e doar-se sempre com muita alegria.

1. Formar-se continuamente

As Filhas da Caridade obedecem de uma maneira ativa, livre e reflexiva. É uma opção de vida, uma escolha que faz crescer humana e espiritualmente em vista da missão.

Para compreender esta opção é preciso dedicar tempo e entrar num processo de formação contínua.

Por isso, desde a formação inicial e ao longo de toda a sua caminhada, a Filha da Caridade se deixa acompanhar, medita as Escrituras, aprofunda as Constituições e Estatutos, especialmente no que concerne aos votos, sabe parar a fim de revigorar-se.

Cada uma é pessoalmente responsável por sua formação, no entanto, é também necessário aproveitar tudo o que a Companhia pode oferecer, seja no âmbito da formação inicial em missão ou da formação contínua.

O diálogo regular com a Irmã Servente é um dos meios para reler os acontecimentos e discernir o que é de Deus e qual é a Sua vontade. É um ponto importante para viver uma obediência verdadeira e responsável.

2. Nutrir a interioridade

Deixar-se conduzir pelo Espírito e viver a obediência não pode ser vista sem uma interioridade sólida, clara e fortalecida por uma relação pessoal com Cristo.

A vida sacramental, a meditação da Palavra de Deus, a contemplação do Cristo obediente na sua relação com o Pai, fortificam pouco a pouco a fé, deixando-a pronta a ser expressa pela caridade, segundo o Evangelho.

A comunicação com a Irmã Servente e também com o diretor espiritual ajuda a crescer na humanidade e na espiritualidade da Filha da Caridade.

3. Viver o Mistério Pascal

A adesão livre e esclarecida a uma vontade externa, provoca, às vezes, "tempestades" interiores, revoltas, incompreensões. Estas podem ser, por exemplo, mudanças de comunidade, de serviço, propostas de formação, acompanhamento, permissões recusadas... São momentos em que a obediência pode parecer mais difícil.

"... porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 5, 30).

A obediência passa, sem dúvida, por estas tensões. O desafio é aceitá-las como uma participação no Mistério Pascal, com a convicção de que a ressurreição não pode ser concebida sem a morte, sem todas aquelas pequenas mortes que inevitavelmente marcam a vida.

"A seu exemplo e sob a moção do Espírito Santo, as Filhas da Caridade fazem a Deus a oferenda de sua liberdade" (C. 31a).

4. Doar-se sempre com muita alegria

"A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria" (Papa Francisco, Evangelii gaudium, 1).

A conversão é um caminho que dura toda a vida, que deve ser vivida, passo a passo, com a mesma paciência que Deus exerce sobre cada um, numa lógica de amor.

São Paulo expressa que a fé não consiste primeiramente no cumprimento da lei, entendida como um sistema de obrigações e regras, mas, no encontro com o Deus vivo e no exercício da caridade.

“A caridade é a plenitude da Lei” (Rm 13, 10). É nela que se encontra a alegria.

A obediência não comprime o coração, nem fecha horizontes. Ao contrário, a Filha da Caridade encontra a alegria doando-se inteiramente na obediência generosa.

A alegria é também: *“... o motor da perseverança... (ela) impulsiona à abertura e não ao fechamento. Ela nos conduz ao serviço na Igreja”* (CIVCSVA, o dom da fidelidade, a alegria da perseverança, nº 44).

Para ir mais longe

1. Como Jesus viveu a obediência?
2. A obediência na fé:
Como compreendo o voto de obediência?
Como busco no dia a dia a vontade de Deus?
3. Qual é a relação entre o voto de obediência e o meu “ser” de serva?
4. Obediência - disponibilidade para a missão:
Até que ponto estou disposta a me doar na missão?
Estou pronta para deixar tudo em vista de um outro serviço?
Como disponho o meu coração para estar suficientemente livre a fim de aceitar as futuras mudanças?
5. Obediência - comunhão:
Qual é a relação entre a obediência e a comunhão?
Como viver a corresponsabilidade e a obediência na vida comunitária?
Como superar as minhas próprias opiniões e meus interesses pessoais em função do bem comum?
6. Autoridade - obediência:
Quais são as minhas experiências de obediência em relação a autoridade e como estas me ajudaram a amadurecer?
As Filhas da Caridade são convidadas a viver a autoridade e a obediência de uma maneira responsável, ou seja, pela acolhida recíproca, busca comum da vontade do Senhor, diálogo, escuta das necessidades dos pobres, partilha dos dons, corresponsabilidade, subsidiariedade...
Como a obediência ajuda a crescer em liberdade e humanidade?
Quais disposições interiores e atitudes são necessárias?
Como me posiciono em relação às mediações humanas?

Para aprofundar

- **Código de Direito Canônico**

O conselho evangélico de obediência, assumido em espírito de fé e de amor no seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga à submissão da vontade aos legítimos Superiores, que fazem as vezes de Deus, quando mandam segundo as próprias constituições (cân 601).

- **Catecismo da Igreja Católica - CIC**

Feito membro da Igreja, o batizado já não se pertence a si próprio, mas, Àquele que morreu e ressuscitou por nós. A partir daí, é chamado a submeter-se aos outros, a servi-los na comunhão da Igreja, a ser 'obediente e dócil' aos chefes da Igreja e a considerá-los com respeito e afeição (CIC nº 1269).

- **Exortação Apostólica Vita consecrata**

A obediência que caracteriza a vida consagrada... apresenta de modo particularmente vivo a obediência de Cristo ao Pai e, partindo exatamente do seu mistério, testemunha que não há contradição entre obediência e liberdade. Com efeito, o comportamento do Filho desvenda o mistério da liberdade humana, como um caminho de obediência à Vontade do Pai, e o mistério da obediência, como um caminho de progressiva conquista da verdadeira liberdade (nº 91).

- **Instrução** O serviço da autoridade e a obediência (CIVCSVA)

A obediência a Deus é caminho de crescimento e, por isso mesmo, de liberdade da pessoa, uma vez que permite acolher um projeto ou uma vontade diferente da própria que não só não mortifica ou diminui, mas que funda os alicerces da dignidade humana. Ao mesmo tempo, a liberdade é, em si, um caminho de obediência, pois é obedecendo como filho ao plano do Pai que a pessoa que crê realiza o seu ser livre (nº 5).

Adere-se, pois, ao Senhor quando se descobre a Sua presença nas mediações humanas, especialmente na Regra, nos superiores, na comunidade, nos sinais dos tempos, na expectativa do povo, sobretudo dos pobres; quando se tem a coragem de lançar as redes na força “da sua palavra” (cf. Lc 5,5) e não de motivações humanas apenas (nº 11).

- **Instrução sobre os votos**

Textos dos Fundadores: p. 183-191

Capítulo 7 - Sob a proteção de Maria

“Quem procura seguir Jesus Cristo, encontra aquela que o recebeu do Pai: Maria, primeira cristã, consagrada por excelência, presente à vida da Companhia desde sua origem” (C. 15a).

Desde as origens, os Fundadores viram nas atitudes de Maria o modelo de um caminho espiritual e missionário. Por esta razão, eles convidam as Filhas da Caridade a contemplá-la e a invocá-la.

“Minhas Irmãs, coloquemo-nos sob a sua proteção, consagremo-nos a Seu Filho e a Ela sem reserva, para que governe a Companhia em geral e a cada uma em particular” (SV, conf. de 8 de dezembro de 1658, p. 854).

Em 1644, quando os Fundadores pensavam em obter o reconhecimento da Companhia nascente, pela Igreja, Santa Luísa faz uma peregrinação a Chartres para *“oferecer a Deus os desígnios de Sua Providência sobre a Companhia das Filhas da Caridade, oferecendo-lhe a Companhia inteira e pedindo-lhe que antes fosse destruída do que subsistisse contra a Sua vontade. Supliquei para ela, por intercessão da Santíssima Virgem, Mãe e Guardiã da referida Companhia, a pureza de que necessita” (SL, C. 121, p. 143).*

Esta oferta da Companhia a Maria se perpetua na história através do Ato de consagração que todas as Filhas da Caridade fazem no dia 08 de dezembro.

A devoção Mariana tem um importante lugar na vida da Companhia. Além disso, Santa Luísa no seu testamento espiritual insiste: ***“Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe”*** (SL, E. 111, p. 967).

As Constituições apresentam Maria como **mestra de vida espiritual** (cf. C. 23), **serva** (cf. C. 15b) e **modelo de fidelidade** (cf. C. 15b). Estes são traços específicos, particularmente valorizados pelas Filhas da Caridade, para viver a sua vocação na dimensão espiritual, missionária e comunitária.

A. Maria, mestra de vida espiritual

“As Filhas da Caridade reconhecem como mestra de vida espiritual, Maria, ‘a Virgem que escuta e acolhe a Palavra de Deus, a Virgem orante e oferente...” (C. 23).

Maria acompanhou Jesus durante toda a sua vida terrena, desde o seu nascimento até a sua morte na cruz, testemunhou a sua Ressurreição e depois, com os discípulos, a vinda do Espírito em Pentecostes. Ela foi a primeira a acreditar. Através da sua fé, escuta da Palavra e atitude aberta, simples e humilde, ela demonstra como entrar numa relação com Deus.

As Filhas da Caridade aprendem de Maria a permanecer na presença do Senhor, no cotidiano, através de uma oração constante de louvor, de ação de graças e de intercessão. É uma oração que se traduz em atos, porque Maria está sempre atenta aos outros, às necessidades dos pobres e de todos os que passam por dificuldades e aflições.

Maria conduz sempre a Jesus, ela nos ensina a colocá-Lo no centro de tudo e a permanecer inteiramente ao seu serviço: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”* (Jo 2, 5).

Neste sentido, Maria é mestra de vida espiritual.

“Sou toda vossa, Santíssima Virgem, para ser mais perfeitamente de Deus” (SL, E. 5 p.784).

1. Maria, aberta ao Espírito

Maria é *“a Imaculada, totalmente aberta ao Espírito”* (C. 15b). No dia da Anunciação com total confiança ela se coloca sob a ação do Espírito Santo. Ela não se opõe a vontade de Deus e, livremente, dispõe todo o seu ser ao serviço do Senhor: *“Eis aqui a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1,38).

Santa Luísa aconselha as Irmãs honrar Maria, invocá-la e imitar as suas virtudes em uma abertura ao Espírito: *“A Conceição Imaculada da Santíssima Virgem iluminou, pois inteiramente, o seu entendimento e inflamou sua vontade, o que a fez sempre agir sem nada omitir daquilo que Deus lhe pedia”* (SL, E. 106, p. 954).

Acolher o Espírito como Maria, conduz as Filhas da Caridade a viver uma experiência de fé e de abandono em Deus, a fim de estar disponível ao seu projeto com liberdade e alegria interior.

O “sim” livre e incondicional da Virgem Maria inspira o Papa Francisco que diz: *“Maria torna-se a ‘toda bela’, a ‘toda santa’, mas sem a menor sombra de autocomplacência. Ela é humilde. Ela é uma obra-prima, mas permanece humilde, pequena, pobre. Nela se reflete a beleza de Deus, que é todo amor, graça, dom de si”* (Papa Francisco, Ângelus, 8 de dezembro de 2019).

Maria é aquela que escutou o chamado de Deus e aceitou a missão de se tornar Mãe de Deus. As Filhas da Caridade são chamadas a esta mesma atitude: abrir-se ao Espírito para responder aos apelos missionários.

2. Maria, totalmente doada

Consagrada por excelência, Maria mostra o caminho do dom total. Acompanhadas por Maria, as Filhas da Caridade entregam-se plenamente a Deus para o serviço dos pobres, pelos votos de castidade, pobreza e obediência.

A oração, atribuída à Santa Luísa, que as Filhas da Caridade acrescentam ao terço, recorda-nos que a castidade é um dom a pedir e a acolher: “... *Ó puríssima Virgem, pela vossa pureza virginal, Conceição Imaculada e gloriosa prerrogativa de Mãe de Deus, alcançai-me de vosso amado Filho, a humildade, a caridade, grande pureza de coração de corpo e espírito...*”.

O Magnificat inspira as Filhas da Caridade a depositar a sua confiança em Deus com um coração livre, a estar próximas e solidárias com os “*humildes e famintos*” (cf. Lc 1, 52-53), porque a própria Virgem Maria viveu a pobreza.

Maria ensina a obediência através do seu Fiat, da sua vida, da sua presença aos pés da cruz onde recebe uma nova missão: ser Mãe da Igreja. Quando Jesus lhe diz: “*Mulher, eis o teu filho*” (Jo 19, 26), ela dá à luz novamente, ela gera um povo que acredita. Toda a sua vida foi de obediência.

3. Maria, modelo de amor maternal

A mensagem confiada pela Virgem Maria à Santa Catarina, vem confirmar e enriquecer com todo o seu simbolismo e conteúdo doutrinal, a devoção mariana dos Fundadores.

“As Filhas da Caridade... olham ‘para Aquela que gerou Cristo... a Virgem foi, por sua vida, o modelo deste amor maternal do qual devem estar animadas todas que, associadas à missão apostólica da Igreja, trabalham na regeneração dos homens’” (C. 26).

De fato, Maria nos conduz a Cristo: “*vinde aos pés deste altar*”. Ele é a fonte do elã missionário que caracteriza uma vida totalmente doada a Deus para o serviço dos pobres.

Como enfatiza Santa Catarina, o globo que Maria traz em suas mãos encimado por uma cruz, representa o mundo salvo pelo seu Filho, que simboliza por um lado, a humanidade e “*cada pessoa em particular*”,

e por outro, o Cristo. O globo que Maria eleva como oferenda, revela sua missão de intercessora. Ela é Mãe e mediadora.

A Medalha Milagrosa representa uma verdadeira síntese da fé cristã, na qual, Maria aparece estreitamente unida ao mistério da Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo.

B. Maria, Serva

“Os Fundadores infundiram nas Filhas da Caridade o amor à Virgem e sua imitação. Nela convidam a contemplar: ... a Serva humilde e fiel dos desígnios do Pai, modelo dos corações pobres; a Mãe de Deus, Mãe de misericórdia e esperança dos pequenos...” (C. 15b).

1. Maria, disponível aos desígnios de Deus

“Eis aqui a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

Esta curta resposta de Maria traduz sua disponibilidade e seu sentido de serviço. *“Maria não se exalta diante da perspectiva de se tornar a mãe do Messias, mas permanece modesta e expressa a própria adesão ao projeto do Senhor. Maria não se orgulha... Reconhece que é pequena aos olhos de Deus, e sente-se feliz por ser assim. Ao mesmo tempo, está ciente de que da sua resposta depende a realização do projeto de Deus, e que, por conseguinte, ela está chamada a aderir totalmente a ele” (Papa Francisco, Ângelus, 24 de dezembro de 2017).* Maria está pronta para colaborar de maneira humilde e generosa.

Contemplar Maria, Serva do Senhor, é uma maneira para as Filhas da Caridade de aprender a acolher a vontade do Senhor, para servir com alegria e simplicidade.

2. Maria, modelo dos corações pobres

“Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá” (Lc 1, 39).

Na Visitação, Maria mostrou-se disponível para visitar sua prima Isabel, servi-la gratuitamente, dedicar tempo para estar ao seu lado, rezar com ela e depois regressar.

Maria é modelo dos corações pobres, ela é afetuosa, descentralizada de si mesma e pronta para servir.

São Vicente convidava as Filhas da Caridade a ter esta atitude e rezou assim a Maria:

“Virgem Santíssima, que dissestes no vosso cântico que a humildade, foi a causa da vossa dita, alcançai a estas Irmãs a graça de serem o que o Senhor quer que sejam; adornai-as com as vossas virtudes” (SV, conf. de 14 de julho de 1658, p. 802).

Maria inspira nas Filhas da Caridade o desejo de avançar com um coração pobre e livre em um caminho de humildade, de simplicidade e de serviço. É o espírito das Bem-aventuranças: *“Bem-aventurados os que têm um coração pobre!” (Mt 5, 3).*

3. Maria, Mãe de misericórdia

Nossos Fundadores gostavam de invocar Maria com o título de Mãe de misericórdia. Santa Luísa expressa o motivo: *“Não sem razão a Santa Igreja a chama Mãe de Misericórdia. E o é, porque é Mãe da Graça” (SL, E. 56, p. 886).*

Maria é chamada Mãe da Graça, porque recebeu, através de Jesus, a plenitude da graça para si e para nós. Como Mãe de Deus, Ela é a primeira a se beneficiar da misericórdia divina e intercede junto a Ele a fim de alcançar a misericórdia para o mundo.

“Maria é Mãe de misericórdia também, porque a Ela Jesus confia a Sua Igreja e a humanidade inteira... Deste modo, é feita Mãe de todos e de cada um de nós, Mãe que nos alcança a misericórdia divina” (João Paulo II, Veritatis splendor, nº 120).

São Vicente encoraja as Filhas da Caridade a invocá-la: *“Recorramos à Mãe de misericórdia, a Santíssima Virgem, vossa padroeira”* (SV, conf. de 8 de dezembro de 1658, p. 854).

Maria revela a misericórdia de Deus como uma graça recebida para poder vivê-la com os outros.

A misericórdia se traduz pelo respeito, fraternidade, perdão, paciência, benevolência. Todas estas características do amor misericordioso, presente no Evangelho, contribuem para tornar o mundo mais humano (cf. 1Cor 13, 1-13).

C. Maria, modelo de fidelidade

O Fiat da Anunciação *“representa, sem dúvida, o momento culminante da fé de Maria na expectativa de Cristo, mas é também o ponto de partida, no qual se inicia todo o seu ‘itinerário para Deus’, toda a sua caminhada de fé”* (João Paulo II, Redemptoris Mater, nº 14).

Deus contou com a fidelidade de Maria, e o "sim" pronunciado na Anunciação foi o primeiro de muitos “sim”. A sua fé não a impediu de interrogar o anjo: *“Como acontecerá isso?”* (Lc 1, 34).

Em seguida, ela adere com confiança, por vezes, na obscuridade da fé, mas com perseverança, aos desígnios de Deus que se revela progressivamente.

“Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc 2, 19).

De fato, Maria retirava da oração a força para prosseguir a sua missão, até o total abandono na fé, mesmo quando, fiel, está presente diante da dor de seu Filho no Calvário.

A fidelidade das Filhas da Caridade se fortalece, dia após dia, pela meditação da Palavra de Deus e pelo encontro pessoal com Cristo. Com efeito, a fidelidade passa pelo crivo do tempo, é necessário ter consciência disso e dela cuidar.

Ela se expressa no desejo de construir uma comunidade fraterna e de servir com generosidade e alegria.

Maria sustenta a fidelidade da Companhia e de cada uma em particular: As Filhas da Caridade pedem diariamente a graça da fidelidade: *“alcançai-me de vosso amado Filho... a perseverança na minha santa vocação...”*

Oração Mariana

*“Maria, mulher fiel, escutaste com docilidade
o Espírito de verdade que procede do Pai, por meio do teu Filho Jesus,
ensina-nos a conservar o dom da vocação
e a redescobrir, a cada dia, a vitalidade.*

*Olhamos para ti, para contemplar a obra de Deus
que regenera a nossa capacidade de amar e curar a nossa fidelidade
ferida.*

*Olhamos para ti, perseverantes no seguimento,
custódia vigilante e amante da Palavra (cf. Lc 2,19; 2,51b),
para admirar em ti a plenitude da vida
de quem na fidelidade produz muito fruto.*

*Olhamos para ti,
perseverantes aos pés da cruz (cf. Jo 19, 25)
para estar ao lado das infinitas cruzes do mundo,
onde Cristo ainda é Crucificado nos pobres e nos abandonados
para levar-lhes conforto e partilha.*

*Olhamos para ti,
perseverantes com os Apóstolos na oração (cf. At 1, 12-14),
para arder do amor que jamais se apaga,
caminhar na alegria
e afrontar os desafios e as desilusões, sem afãs.*

*Maria, Mulher fiel, reze por nós,
obtém-nos do teu Filho e nosso Redentor
uma fé viva e enamorada, uma caridade humilde e operosa,
para viver o dom da fidelidade na perseverança,
selo humilde e alegre da esperança”.*

CIVCSVA, o dom da fidelidade, a alegria da perseverança, nº 106